



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Ciências Sociais

Fabio Biangolino Teixeira Lima

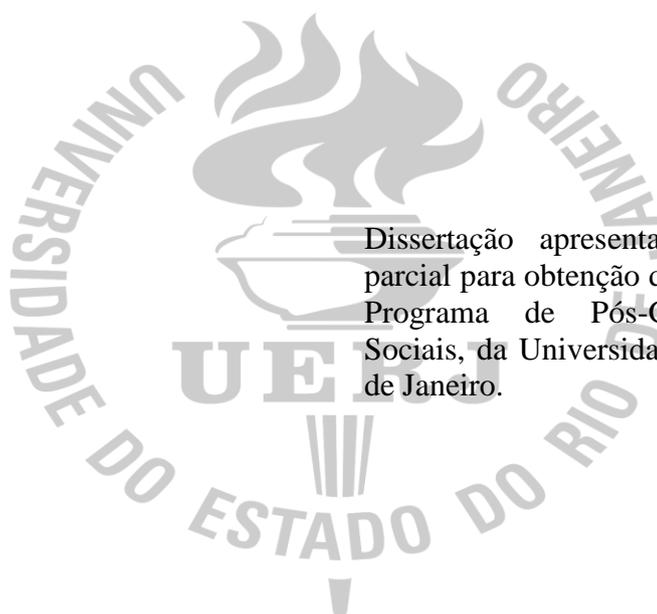
**Na literatura, o traço todo da vida:
Otto Lara Resende e o homem de letras**

Rio de Janeiro

2016

Fabio Biangolino Teixeira Lima

Na literatura, o traço todo da vida: Otto Lara Resende e o homem de letras



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Helena Maria Bomeny Garchet

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CCSA

R433 Lima, Fabio Biangolino Teixeira.
Na literatura, o traço todo da vida: Otto Lara Resende e o
homem de letras / Fabio Biangolino Teixeira Lima. – 2016.
83 f.

Orientador: Helena Maria Bomeny Garchet.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Ciências Sociais.
Bibliografia.

1. Resende, Otto Lara, 1922-1992. 2. Sabino, Fernando,
1923-2004. 3. Escritores brasileiros - Teses. I. Bomeny, Helena,
1948-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 869.0(81)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Fabio Biangolino Teixeira Lima

Na literatura, o traço todo da vida: Otto Lara Resende e o homem de letras

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 28 de abril de 2016.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Helena Maria Bomeny Garchet (Orientadora)

Instituto de Ciências Sociais – UERJ

Prof. Dr. Valter Sinder

Instituto de Ciências Sociais – UERJ

Prof. Dr. André Pereira Botelho

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Prof. Dr. João Trajano Sento-Sé (Suplente)

Instituto de Ciências Sociais – UERJ

Rio de Janeiro

2016

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a todos que,
mesmo sem saber, colocaram um livro no meu caminho.

AGRADECIMENTOS

Professora Helena Bomeny: pela paciência, doce orientação e disposição em encontrar sentido nas ideias de um desconhecido.

Professores André Botelho e Valter Sinder: pelo interesse em compartilhar conhecimento e tratar com seriedade palavras alheias.

UERJ e PPCIS: pela oportunidade de pôr à prova leitura e reflexão desinteressadas.

Pessoal do CCD: pela amizade e confiança.

Amigos: pelo “ah, tranquilo”, “começa com duas páginas por dia”, “temos que comemorar”.

Família Biangolino-Teixera Lima: pelo apoio incondicional, próximo ou distante, mas sempre lá.

Família Kleve-Berg: pela solidariedade com a angústia nossa de cada dia.

Juju: pela palavra certa, pela vida em comum, pela certeza que relativiza todo o resto.

Se a ilusão literária não fosse também a mais cara das nossas ilusões, como poderíamos explicar este e outros livros nossos, escritos unicamente pelo prazer de falarmos de coisas que nos são gratas?

Eduardo Frieiro

RESUMO

LIMA, Fabio Biangolino Teixeira. *Na literatura, o traço todo da vida: Otto Lara Resende e o homem de letras*. 2016. 83 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Este trabalho tem como eixo o caminho de homens de letras brasileiros retratado a partir do exame cruzado de artigos, crônicas, entrevistas e correspondências. A análise terá como base a vivência de dois personagens de destaque na vida literária do país na segunda metade do século XX. O enfoque maior será dado à experiência de Otto Lara Resende, figura prestigiada nos meios jornalísticos e literários que viveu de maneira pungente a tensão entre ambição e vocação literária. Em segundo plano, a experiência do autor e cronista de sucesso Fernando Sabino será utilizada como contraponto ao caso de Otto. Amigos de infância, identificados com a Geração de 45, os dois seguiram escolhas profissionais que os colocaram diante de dilemas semelhantes. Dadas essas linhas de ação, o objetivo maior da dissertação é reunir elementos que apontem para o desvelamento de uma subjetividade do homem de letras.

Palavras-chave: Homem de letras. Subjetividade. Correspondência. Vocação literária. Otto Lara Resende. Fernando Sabino.

ABSTRACT

LIMA, Fabio Biangolino Teixeira. *In literature the entire stroke of life: Otto Lara Resende and the man of letters*. 2016. 83 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

This work has as axis the path of Brazilian men of letters depicted from the examination of articles, essays, interviews and correspondence. The analysis is based on the experience of two prominent characters in the literary life of the country in the second half of the twentieth century. The main focus is on Otto Lara Resende, a prestigious figure in journalistic and literary circles who lived poignantly the tension between ambition and literary vocation. In the background, the experience of Fernando Sabino as a successful author and columnist is used as a counterpoint to Otto's case. Childhood friends, they were identified with the Generation of 45. The two followed professional choices that presented them with similar dilemmas. Given these lines of action, the main objective of the dissertation is to gather elements that point to the unveiling of a subjectivity of the man of letters.

Keywords: Man of letters. Subjectivity. Correspondence. Literary vocation. Otto Lara Resende. Fernando Sabino.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	9
1	SUBJETIVIDADE E HISTÓRIAS DE VIDA.....	11
1.1	Mitos de juventude.....	11
1.2	Transfiguração do começo.....	22
1.3	Aproximações da subjetividade do homem de letras.....	25
1.4	Vivido, falado, escrito.....	30
2	SOBRE O REMETENTE, A PARTIR DO DESTINATÁRIO, OU VICE-VERSA.....	35
2.1	Via Nelson, outra vez.....	35
2.2	Destinos e destinatários.....	39
2.3	Um editor e a ilusão.....	40
2.4	Cartas pela República.....	43
2.5	Minas, sempre e à revelia.....	49
3	OTTO E FERNANDO: CIRCUITO ÍNTIMO E COMUM.....	56
3.1	Voz de Minas e vozes próprias.....	56
3.2	Virtudes e libertações.....	64
3.3	Petecas entre a ambição e a vocação.....	69
	CONCLUSÃO.....	78
	REFERÊNCIAS.....	81

INTRODUÇÃO

Quando um homem de letras morre, obituários, artigos, e até mesmo aqueles agrupamentos de notinhas que jornais e revistas prezam em espaços de destaque, tendem a louvar o falecido não somente pela obra que deixou como pelo fato de ter cruzado a existência como um homem de letras. Categoria ampla, homem de letras pode abrigar escritores, jornalistas, jornalistas-escritores, literatos e todos aqueles que vivem de ler (e para ler), escrever, opinar e empunham uma inequívoca vocação literária. Hoje o termo pode parecer antiquado, pois, por um lado, é perceptível uma desconexão (ou desidentificação) entre o que seria uma vocação literária e aquele que é reconhecido e valorizado publicamente pelo que escreve, por outro, é evidente o deslocamento do universo literário e da literatura em direção a um lugar de menor relevância e visibilidade nos espaços e meios que pautam assuntos e temas que merecem ter sua dimensão pública valorizada.

A própria consciência do homem de letras a respeito de sua condição rarefeita estimula esse juízo fatalista, um atestado de espécie em extinção. Entretanto, antes de terminar incorrendo em discursos salvacionistas fora de propósito, deve-se observar que a noção de homem/herói de letras é constituída por uma mitologia literária. Se o objetivo fosse seguir com exercícios de fatalismo estéreis e averiguar o que caminhou ou caminhará para a dissolução em primeiro lugar, o fim de uma aura que protege, ao mesmo tempo em que estigmatiza, os que escolhem esse território das letras é certamente mais verossímil, dadas as evidências. Sobre uma mitologia literária e seu fim, disseram:

Mais de uma vez lamentei, ou melhor, constatei a morte de uma certa mitologia literária. Digamos que seja o conjunto de valores e até de mitos que aprendi a identificar, nos quais acreditei, nos quais me formei e que agora não existem mais. Ou pelo menos não existem mais com a mesma configuração. Tudo mudou. (SANTOS, org., [1981] 2002, p. 116)

Este trabalho trata da vivência íntima e pública de dois homens de letras. Na realidade, as luzes, às vezes ao fundo, às vezes de frente, favorecerão um dos dois, embora em alguns momentos a impressão indique o contrário.

A dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro, as histórias de vida dos dois são entrelaçadas com as de outras personagens, a partir de entrevistas, depoimentos, discursos e artigos de jornal, e, com o auxílio da leitura/interpretação de um romance, serão apresentadas questões relacionadas à subjetividade do homem de

letra. No segundo, terá lugar uma reflexão a respeito da figura pública do protagonista, com base em um pequeno recorte de sua correspondência (majoritariamente passiva). No terceiro, a análise mais detida das cartas trocadas entre os dois, ao longo dos quinze anos iniciais de suas carreiras, reunirá os aspectos já abordados nos primeiros capítulos a outros, de natureza semelhante, alinhados de modo a obter – talvez – uma conclusão.

Fundado na intenção de, em última instância, compreender as vidas desses homens de letras, o longo comentário, ocasionalmente digressivo, que começa na próxima página tem inspiração na seguinte observação de Norbert Elias:

Para se compreender alguém, é preciso conhecer os anseios primordiais que este deseja satisfazer. A vida faz sentido ou não para as pessoas dependendo da medida em que elas conseguem realizar tais aspirações. Mas os anseios não estão definidos antes de todas as experiências. Desde os primeiros anos de vida, os desejos vão evoluindo, através do convívio com outras pessoas, e vão sendo definidos, gradualmente, ao longo dos anos, na forma determinada pelo curso da vida; algumas vezes, porém, isto ocorre de repente, associado a uma experiência especialmente grave. Sem dúvida alguma, é comum não se ter consciência do papel dominante e determinante destes desejos. E nem sempre cabe à pessoa decidir se seus desejos serão satisfeitos, ou até que ponto o serão, já que eles sempre estão dirigidos para outros, para o meio social. Quase todos têm desejos claros, passíveis de ser satisfeitos; quase todos têm alguns desejos mais profundos impossíveis de ser satisfeitos, pelo menos no presente estágio de conhecimento. (ELIAS, 1995, p. 13)

1 SUBJETIVIDADE E HISTÓRIAS DE VIDA

1.1 Mitos de juventude

A indefinição do protagonista até aqui é mera questão de estilo – duvidosa e inútil, pois título e resumo já dizem tudo –, recurso utilizado com a intenção de retardar a nomeação daquele de que trata – muitas vezes de viés – este ajuntamento de ideias soltas (impressões?) e análises precipitadas (impressões!). “Tudo contribui para o fim da ‘mitologia literária’ a que me referi. O escritor e o livro de hoje são muito diferentes do livro e do escritor da nossa juventude. Se é bom, ou se é mau, no caso não interessa: é diferente.”

No caso não interessava afirmar se a passagem do ontem para o “hoje” implicara uma transformação positiva ou negativa, mas é inegável a importância que a constatação dessa mudança tinha para o escritor que aos 59 anos respondia às perguntas de uma entrevista.

É possível dizer que em maio de 1981, data da entrevista à escritora Edla Van Steen, Otto Lara Resende já ganhara parte substancial da notoriedade que sua figura ainda sugere. Sua principal ocupação à época era a de diretor-adjunto da TV Globo. Atividade sobre qual fazia questão de ser reticente, desconversando a respeito das funções que a “Vênus Platinada” lhe destinava. O apelido foi cunhado por Otto em referência ao edifício na Rua Lopes Quintas, no Jardim Botânico, que passou a ser ocupado pelas diretorias após o incêndio que destruiu parte considerável da central das transmissões da então TV Globo, Canal 4, à Rua Von Martius.

O envolvimento com a Globo teve início logo nos primeiros anos da emissora. Em 1966 e 1967, apresenta um quadro ao vivo no noticiário noturno *Jornal de Verdade*, uma crônica falada intitulada “O pequeno mundo de Otto Lara Resende”. Em 1974, torna-se diretor-adjunto a convite de Walter Clark, um dos protagonistas da época pioneira da televisão brasileira. Em 1977 e 1978, é um dos entrevistadores do programa *Painel*. Um comentário a respeito de sua entrevista com Nelson Rodrigues retomará um fio da meada aberta acima – o efeito e as transformações operadas pelo tempo.

Nelson acabara de lançar *O reacionário*, último volume da reunião de suas crônicas ou “memórias e confissões”. Em dado momento, a conversa toma um caminho providencial para a eloquência do dramaturgo: juventude e velhice. Nelson diz ser uma múmia. Otto lembra que há algum tempo o amigo se define dessa maneira e, a partir da

pergunta “Você se preparou para ser velho?” e da constatação da “extraordinária valorização do jovem” naquele final da década de 1970, leva Nelson e seus 65 anos a discorrerem sobre o jovem, o “cretino fundamental”, aquele que só poderia ser levado a sério quando fosse velho. Otto faz a defesa da juventude e dá exemplos de nomes que foram geniais ainda jovens: Rimbaud, Pascal, Mozart, Napoleão e até Jesus Cristo. Nelson os vê como exceções. O último, então, se aos 12 anos “tinha mais sabedoria do que os sábios, do que os velhíssimos”, era porque “o Cristo era Cristo”, ora.

Otto “permite-se ofender a modéstia” do interlocutor e lembra que Nelson começou a trabalhar com 13 anos. “Eu era antes um moleque, e o jovem só tem graça quando é moleque”. Nem o fato de ter escrito *A mulher sem pecado* aos 25 e *Vestido de noiva* aos 27 o afasta do arremate, que vem após Otto perguntar se antes ele sabia mais: “Claro que não. Aos 18 anos, o sujeito não sabe como se diz a uma mulher boa noite. Eu era de uma ignorância enciclopédica! Em matéria de amor e de tudo mais”. A entrevista¹ segue outro rumo, mas termina com o célebre conselho de Nelson ao público jovem: “Envelheçam depressa, com toda a urgência, envelheçam!”.

Otto deixava claro que via positivamente a valorização da juventude. Não é descabido cogitar que ao defender os moços falasse em nome de si mesmo e de sua mocidade. Mocidade indissociável daquele tempo mitológico que se alimentava de livros, escritores e de um tipo de esperança que só vem da conjunção juventude-literatura. A decretação do fim de uma “mitologia literária” pode ser o resultado do balanço íntimo que o velho homem de letras quase sempre realiza quando confrontado com as aspirações do jovem literato que um dia foi. Evidentemente, Otto não está sozinho nessa avaliação. Muitos antes dele chegaram a conclusões semelhantes e outros tantos depois tiveram e terão um juízo crítico a respeito do que fizeram ou foi feito daquilo que se expressa, de maneira imprecisa mas proveitosa, como vocação literária. O teor nostálgico desse acerto de contas não anula o interesse e o valor que o juízo de um escritor sobre as suas realizações pode ter para a compreensão de aspectos relacionados à sua subjetividade. Ainda mais se esse escritor for uma “personagem do Brasil”, segundo o deboche carinhoso de Nelson Rodrigues. O tema da vocação-mocidade literária será retomado adiante, por ora a trilha segue na apresentação de Otto Lara Resende.

¹ Entrevista disponível no Youtube.

Dentre os mitos literários tão caros a Otto, o da consagração e o da glória literárias permitem entradas importantes na construção daquilo que será definido como “subjetividade do homem de letras”. Em outubro de 1979, Otto assumia a cadeira número 39 da Academia Brasileira de Letras. Consagração peculiar essa a da Academia. Distante do cotidiano cultural brasileiro, a ABL é uma instituição que, vez ou outra, sofre por ser vítima da percepção que a reconhece como um local de atraso, conservadorismo, desconectado das letras brasileiras que mereceriam algum tipo de culto. Parte dessa reputação é, sem dúvida, injustificada e pode ter origem em um anticademicismo sistemático, em ignorância ou em simples ressentimento. Outra parte encontra seus motivos em certos nomes questionáveis que lá encontraram e encontram receptividade em virtude das tramas da política pequena praticada por homens públicos ou candidatos de relativa insignificância no mundo das letras.

Em artigo publicado no *Estado de Minas* no dia seguinte a sua recepção, Otto não esconde certo constrangimento. “A academia aconteceu”. Seriam os “caminhos da providência” e ele teria sido chamado sem saber por quê. “Obedeço e marcho, dócil, para o que se considera ‘consagração’”. A resignação dá o tom do texto, uma explicação para o acontecimento. Entende-o como uma homenagem que implica agradecimento sincero, mas não menos forçoso, do laureado de personalidade tão esquiva quanto socialmente adaptada. Entretanto, o ingresso na ABL não sucede sem um mínimo de adesão do candidato ao jogo de aproximação e convencimento na busca por votos, à “campanha” a qual Otto se refere desta forma, entre aspas, marcando uma perspectiva de distanciamento, atitude que se reflete em diferentes aspectos do relato, como:

Meu nome teve maioria. Fiquei um tanto encabulado e, por que não dizer?, satisfeito. Satisfeito também, ou sobretudo, por ver a alegria dos amigos, de tanta gente que empresta sentido a um pleito assim. A academia existe. É uma instituição com peso específico. Seu convencionalismo me pesa bastante, mas na opinião pública esse “mito”, pude verificar, dá-lhe repercussão e acentua a sua existência. Questão de prestígio (se me permitem esta palavra abominável). (RESENDE, *op.cit.*, p.119)

O adversário foi o filósofo e professor universitário Djacir Menezes, que entrou na disputa após Ariano Suassuna ter retirado sua candidatura em nome de Otto, seguindo os apelos de amigos comuns. Otto permite-se compartilhar desse prestígio que a Academia encerra, mesmo que o experimente – pelos menos o processo de exposição pública e sujeição a ritos protocolares que ele exige – deixando explícito o incômodo que sente. À maneira do aniversariante que se vê em uma festa surpresa tendo de agradecer, encabulado, os que organizaram o evento. Está claro que essa é a versão que

Otto quis deixar do episódio. Não se pode ignorar o movimento que fez para ser admitido, por mais reativo e desinteressado que tenha sido, tampouco desconsiderar sua concordância tácita com as representações simbólicas da instituição para o campo da cultura brasileira. Como em qualquer associação ou clube, há um nível básico de homogeneização dos membros que os torna indistintos a partir de um ponto de vista externo. Não é um fato pouco significativo que, à época, Otto tenha sido o único do grupo de escritores que compartilharam a mesma mocidade/formação literária em Minas Gerais a ter entrado na Academia.

É de se supor que o texto publicado no *Estado de Minas*, acompanhado de depoimentos de amigos como Fernando Sabino, Francisco Iglésias e Hélio Pellegrino, tenha sido escrito antes da cerimônia, ocorrida no dia 2 de outubro de 1979. A análise do discurso de posse é oportuna, pois oferece uma contraposição a pontos acima esmiuçados, além de servir à conexão com aspectos fundamentais da vida de Otto – sem dúvida mais importantes do que o trabalho na Globo ou sua admissão na ABL –, consequentemente, à compreensão mais ampla possível de sua figura.

Se no artigo Otto opta por destacar o “convencionalismo” da Academia como aspecto que lhe causava bastante pesar, sem se estender a respeito do que o impelia a declarar o desconforto que sentia, na posse recorre novamente ao “peso das convenções”, mas esclarece:

Mentiria, porém, se não dissesse que o peso das convenções intimida e pode mesmo aterrorizar. Uma dessas convenções é este fardão, de que se tem falado muito mal – e dele felizmente se fala mais mal aqui dentro da Academia do que lá fora, primeiro porque é aqui dentro que o sofremos e, segundo, quem sabe porque também seja verde, como as uvas de La Fontaine².

Convenção leve, talvez, o ponto fraco mais aparente e consensual entre uma plateia de acadêmicos, aquela crítica folclórica à qual se recorre facilmente. Por outro lado, representa justamente a face vetusta e anacrônica que a muitos irrita, mas que alguns destes muitos também almejam, como as uvas de La Fontaine. Otto não aborda convenções de maior peso, obviamente, mas não pode deixar de afirmar:

Para ser sincero, totalmente sincero, no modesto horizonte de minha vida, não se tinha desenhado, ambicioso, o “sonho” desta ilustre Companhia. A realidade impôs-se, porém, paciência. Aceito o vosso gesto leviano e atencioso de acolher-me, sem que tenha de renegar ou retirar qualquer palavra atirada contra as vossas, agora nossas vidraças. É possível assim que,

² Discurso consultado na página da Academia Brasileira de Letras na Internet.

jovem, eu não tenha sido suficientemente iconoclasta, pecado de que ainda posso, quem sabe, vir a recuperar-me.

É preciso reforçar a ideia de acontecimento, de alheamento em relação ao que o levava até ali, mas é também importante afirmar sua isenção: nunca desejara, mas também nunca desdenhara. A ele, afinal, não caberia o papel da raposa da fábula. A menção a um passado de bom comportamento remete ao jovem Otto, o aprendiz de mitos literários. A ele, então.

Otto nasceu em 1º de maio de 1922, “um bom dia para nascer”. Na crônica em que inicia sua colaboração para a *Folha de S.Paulo*, em 1º de maio de 1991, fala sobre a origem do Dia do Trabalho, lembra-se de outros aniversariantes, de efemérides e apresenta o ano em que veio mundo: “Ano do Centenário da Independência, da Semana de Arte Moderna, do Tenentismo, da fundação do Partido Comunista, da inauguração do rádio etc. Suspeito que só eu e o rádio estamos funcionando neste mundo povoado de jovens. Mas juventude tem cura. Eu também já fui jovem. É só esperar.” (RESENDE 2011, p.114)

Otto ecoa o tom de Nelson, parece mais pessimista. Comentando a recente revelação da farsa do inquérito militar sobre o caso da bomba do Riocentro, ocorrido no 1º de maio de 1981, diz que o episódio dava até vergonha de ser brasileiro. Mas confia no mês, bom momento para começar e recomeçar. Uma esperança para o país e para si próprio, pois na *Folha*, aos 69 anos, comprometia-se à função de cronista em tempo integral.

Foram 508 crônicas, daquele maio de 1991 a 21 de dezembro de 1992. Vítima de complicações causadas por uma cirurgia de hérnia de disco, morreria uma semana após a última colaboração para o jornal. Tinha boa saúde, e o histórico familiar prometia mais: o pai morreria aos 94 e, um ano antes do filho, a mãe aos 91. Na crônica derradeira, intitulada “Águia na cabeça”, coincidentemente, vem à baila mais uma vez o tema do orgulho/vergonha de ser brasileiro: “Por pior que ande o nível da autoestima nacional, a gente pode sempre se ufanar desta pátria tão maltratada. No começo da República, lá está, livre, intrépida, a voz de Rui”. Desancando uma absurda associação entre os casos Dreyfuss e Collor, Otto chega a Rui Barbosa, o primeiro no mundo a defender o capitão do exército francês acusado, condenado e deportado injustamente. Fernando Collor renunciaria em 29 de dezembro, dando a possibilidade para que o país encaminhasse outro tipo de reinício. Provavelmente, o fato de ter se manifestado a respeito do orgulho nacional na primeira e na última crônica não tenha sido uma grande

coincidência. A avaliação equilibrada do estado de ânimo do país acompanhada da exploração da memória, além da análise do legado e da permanência de “personagens do Brasil”, é recorrente em sua produção jornalística.

Neste ponto, é interessante observar a referência que Afonso Arinos de Melo Franco, o veterano escolhido para saudar o calouro com um discurso de recepção, faz à “grande obra jornalística de Otto Lara Resende” no balanço da vida do recém-chegado. Não despreza sua ficção. Pelo contrário, enaltece-a. Nela se encontraria a verdade do autor transmitida por meio de uma visão literária da vida e dos homens marcada por um pessimismo profundo, nunca por cinismo ou desespero. O prestígio de Otto no meio literário viria dessa fonte de sinceridade, “a descoberta irreprimível de si mesmo, sem falar de si”. No entanto, com o jornalismo teria conquistado popularidade nacional.

Arinos ressalta o jornalismo de fundo político de Otto cuja origem estabelece em Belo Horizonte no seu envolvimento com o semanário *Liberdade*, em 1945. O marco não é sugerido sem interesse especial do jurista e político então afastado de atividades parlamentares desde 1967, quando passara a discordar dos rumos do regime que ajudara a consolidar como defensor do golpe e membro fundador da Aliança Renovadora Nacional (Arena). *Liberdade* erguera-se em 1943 pelos irmãos Melo Franco (Afonso e Virgílio), entre outros. Otto nele trabalhou diariamente, como editorialista e assinando artigos na fase legal da publicação (WERNECK [1992] 1998, p.113). Companheiros como Hélio Pellegrino, Francisco Iglésias, Wilson Figueiredo engajaram-se na feitura do jornal, inclusive no período em que existiu clandestinamente. “O *Liberdade* representava a presença de uma nova corrente liberal, solidária com a queda da ditadura”, Arinos discursava no Salão Nobre do Petit Trianon da Avenida Presidente Wilson. Com uma flecha do passado, buscava associar o antigetulismo, galvanizado pela luta por democracia dos últimos anos de Estado Novo, ao lamento pessoal dedicado ao ideal de liberdade em voga naquele décimo quinto ano de ditadura e, assim, atingir a boa e velha juventude, já frequente nestas poucas páginas:

Hoje, ao fim de quinze anos de autoritarismo, é significativo e estranho que o ideal de libertação não seja, para a juventude, liberal. Ao contrário, tem-se a visão de que, visando muito ao povo e pouco aos indivíduos, o empenho de libertação das novas gerações, em face do autoritarismo declinante, é sobretudo antiliberal. Aí, creio, a juventude está se afastando do povo a que quer servir.³

³ Discurso consultado na página da ABL na Internet.

Otto teria permanecido fiel às posições dos seus vinte anos, de sua mocidade mineira⁴, uma coerência que o orientara para uma “visão política conciliadora e liberal, nunca discriminadora e radical, como a dos profetas dos autoritarismos redivivos” – reafirmando assim sua distância de qualquer tipo de despotismo tanto à esquerda quanto à direita.

O novato também se serve do passado quando admoesta o presente – ou, os presentes – referindo-se ao “ainda hoje atualíssimo título de *Liberdade*”. Respondendo à sensível questão da juventude, brande a ponderação habitual sem prejudicar a clareza quanto ao lado em que decide ficar: “[...] resta-me a esperança de que a renovação se faça sempre sem precipitação e sempre sem preconceito de qualquer espécie, inclusive sem o receio do que é novo, como nova, sempre nova e inovadora, há de ser a juventude”⁵.

Rememorando, em momento anterior à posse na Academia, Otto relativiza a identificação imediata entre o ímpeto das convicções do jovem e as posições de mais de três décadas depois sugerida por Arinos:

Como era o *Liberdade*? Que dizia? Que queria. Escrevi nele dia a dia mas nunca mais o vi, [...] Eu era jovem bastante para pretender que sabia; anos e anos depois, sei que não sabia; mas sei que é preciso respeitar os que, jovens, sabem ao menos o caminho da paixão, de tudo que não é na vida a lesma acomodatória dos bem pensantes, curto olhar, curtíssimo horizonte. É preciso protestar. Há sempre razões para protestar.⁶

Relativiza, mas chega a uma conclusão equilibrada, esvaziada de veemência em relação ao moço que fora e à mocidade de sempre. A reflexão lhe veio em meio a um artigo sobre Carlos Lacerda, que falecera recentemente, alguém que havia se declarado “disposto a morrer por protesto” – conforme a epígrafe do artigo intitulado “Uma voz a menos” de maio de 1977, três meses antes da entrevista com Nelson Rodrigues. Em Otto, nas declarações e depoimentos, na fala e na escrita de si, evidencia-se uma consciência que o detém antes de mergulhar em nostalgia e saudosismo quando os passados íntimo ou público emergem:

De lá pra cá, tudo mudou. Mas vamos evitar este chavão de mudança. Mudou e não mudou. Mudou pra burro. Quase todo mundo morreu. Sou um

⁴ O tema incontornável de Minas, dos mineiros, da mineiridade aparece brevemente agora, mas voltará mais adiante.

⁵ Discurso consultado na página da ABL na Internet.

⁶ “Uma voz a menos” (RESENDE, 1994, p.114).

sobrevivente sob os escombros de valores mortos. Por favor, esta última frase você pode botar na minha boca. É verdadeira. Dói um pouco, mas vai-se levando. E sendo verdade, também não é assim tão verdade.⁷

“Lá” é o marco de seu começo no jornalismo em 1938. A entrada em *O Diário* aconteceu assim de sua mudança para Belo Horizonte aos 16 anos. O jornal pertencia à arquidiocese da capital mineira e tinha seu pai, o professor Antonio Lara Resende, como um dos diretores. Em 1940, o educador concluiria a transferência do Instituto Padre Machado, colégio fundado por ele em São João del Rei em 1921, motivo que provocara o deslocamento da família que chegaria a reunir 20 filhos⁸ de seu casamento com Maria Julieta de Oliveira. Segundo Benício Medeiros (1998, p. 22-23), o Padre Machado seria algo parecido a uma versão mineira do Colégio Abílio, inspiração para *O Ateneu* de Raul Pompeia. Sua filosofia religiosa – “aquela que a Igreja Católica colheu dos evangelhos, através dos seus intérpretes”, de acordo com o fundador – enquadraria as primeiras formações de Otto nas instalações de São João del Rei.

Na cidade barroca da zona da mineração, a infância e o começo da adolescência foram marcados pela presença ostensiva da religião católica, dentro e fora de casa. A Igreja se interpunha a ritos e fatos sociais, configurando uma “univocidade do mundo” (RICCIARDI, 2008, p. 134) que, com o tempo, seria transmitida ao escritor pela percepção de ter vivenciado uma atmosfera medieval.

A militância religiosa do pai não deixou de ser diligente no encaminhamento de Otto para o fervor da fé. O padrinho de batismo escolhido foi Jackson de Figueiredo, pensador católico e fundador do Centro Dom Vital. Dentro dos limites de uma avaliação objetiva, não é possível afirmar que sua influência sobre as visões de mundo – sagrado ou profano – do afilhado tenha sido importante. Os dois não tiveram tempo para uma convivência mínima. Jackson morava no Rio de Janeiro e os compromissos impediam um contato mais próximo. Nem para a cerimônia de batismo pôde “arredar o pé do Rio”⁹. Com a sua morte em 1928, o elo não poderia mais ser estreitado. Muito embora o teor passional do pensamento fortemente conservador com que ficou identificado¹⁰ não possa ser encontrado nas ideias de Otto, não é inócua a presença de uma figura tão

⁷ “[Quem é OLR] – Entrevista a Paulo Mendes Campos” (SANTOS, org., 2002).

⁸ Otto era o quarto. Seis faleceram antes dos dois anos de idade.

⁹ Carta de J.Figueiredo para A.Lara Resende, 01/06/1922, Acervo IMS.

¹⁰ No artigo “Podia ser pior”, *O Globo* de 09/10/83, Otto comenta que, se não tivesse morrido tão cedo, as ideias de Jackson de Figueiredo não iriam coincidir com a direita radical. Sua alma seria “grande demais para caber no espalho ideológico a que ainda parece condenado”.

ardorosa em seu *pedigree* espiritual. Uma coisa os dois tinham em comum, escreviam “como doidos”, “inclusive cartas intermináveis” – estas de especial valor para Otto e para esta dissertação, conforme se poderá verificar daqui a algumas páginas.

Aquele a quem Otto pede para que sua autodefinição como “sobrevivente sob os escombros de valores mortos”, num rasgo que a princípio se ergue do desejo por afirmar veracidade, mas se assenta por força do ímpeto de sopesar a ênfase em nome de uma verdade maior, é Paulo Mendes Campos. Otto respondia à pergunta “Quem é Otto Lara Resende?”, a chave para uma longa divagação que repassa a infância; a fé literária vivida e perdida; a entrada no jornalismo e o périplo pelas redações; as passagens pelo funcionalismo público; orientações políticas – “tendo para a esquerda melancólica do Braga”; as idiossincrasias e maneiras – “deixo acontecer”, “vou rolando”, “desdenho e não quero comprar”, “adoro segredar”; mineiros no Rio; a esculhambação que seus contos lhe renderam; o que gostaria de ter feito – desde “gostaria de ter talento para escrever teatro” a “gostaria de gostar mais de passarinhos”; definições lapidares, do tipo que lhe deram a fama de frasista incomparável – “A política é arte de enfiar a mão na merda”, “A grande contribuição de Minas Gerais para cultura universal é a tocaia”. Enfim, de tudo que pôde. Cada ponto final sugerindo a reavaliação do que acabara de ser afirmado.

O depoimento tinha o destino das páginas da *Manchete*. Como é possível imaginar, o texto não foi publicado na íntegra. Paulo fez “a toaite”, separou o “choro”, a “jeremiada”. Na versão do número de 26 de abril de 1975, a entrevista aparece em quatro páginas, ilustrada por duas fotos: uma de Otto olhando para a câmera apoiado em uma mesa, cabeça levemente inclinada, sorriso indefinido, e outra do entrevistado com Chico Buarque, Edu Lobo e o pintor Jenner Augusto em Paris na época em que era adido cultural da embaixada brasileira em Lisboa. A tarefa fora passada ao amigo por Adolpho Bloch, dono da revista que teve Otto como diretor entre julho de 1954 e dezembro de 1956. Paulo se limita a um pequeno parágrafo para esclarecer que apenas uma pergunta fora feita “ao escritor, ao jornalista, à personalidade, à personagem, ao mito”.

Os dois se conheciam desde os tempos de colégio em São João del Rei. Não eram muito próximos então, mas o contato seria retomado na capital. É no *Diário* que os dois começam. É lá que se engendra também o grupo de quatro amigos que, em última instância, nunca será desfeito. Em qualquer nota biográfica a respeito de um, os outros três serão inevitavelmente citados. Porque cada um atingiu algum grau de

notoriedade merecedora de menção, mas também porque a experiência conjunta dos quatro foi seguidamente celebrada. Eram os “vintanistas” de Mário de Andrade¹¹, os *4 Mineiros* gravados em disco¹²; os “quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse”, definição de Otto, a quem se atribui a invenção de um sem-número de frases e máximas.

Os outros dois, Fernando Sabino e Hélio Pellegrino, já se conheciam. Amigos de infância, reaproximaram-se na adolescência. Um dos principais catalisadores foi João Etienne Filho, autor da coluna *Literária* de *O Diário* e responsável pela publicação dos primeiros artigos dos quatro. Foi também influente na formação intelectual do grupo, emprestando livros e abrigando reuniões em sua casa.

Do primeiro artigo de Otto, em 1938, a 1944, ano da ida de Sabino para o Rio de Janeiro, o grupo experimentou a saída da adolescência compartilhando uma fé literária. Vivendo como adolescentes viviam na provinciana Belo Horizonte, mas sabendo-se escolhidos pela salvação romântica da literatura, ou da ambição literária. Foram anos de glória que, segundo Paulo, está no começo dessa carreira. “O resto da vida é aprendizado intensivo para o anonimato, o olvido”.¹³

Em se tratando de glória literária, em crônica de julho de 1976¹⁴ intitulada “A poeira da glória”, Otto recupera um episódio de 1958 que o leva a dois temas dignos de comentário: a transitoriedade da referida glória e o orgulho/vergonha de ser brasileiro. Ambos se articulam a pontos já destacados aqui. O primeiro permite mais uma ilustração de reflexão recorrente, seja na obra jornalística ou em depoimentos, que revela aspectos fundamentais da sua subjetividade como homem de letras. A abordagem do segundo, levando em consideração as outras duas situações já destacadas, adensa a percepção de um componente cívico em suas funções de jornalista e homem público.

Presente a uma entrevista coletiva com a escritora francesa Françoise Sagan em uma livraria de Bruxelas, o escritor foi um dos agentes de uma pequena confusão quando tomou partido da autora, que sofria com as perguntas incisivas de um jornalista.

¹¹ Em carta a Rodrigo Mello Franco de Andrade, de 10/02/1945, Mário de Andrade fala do grupo que já conhecia e ao qual se aproximou mais durante o I Congresso de Escritores Brasileiros em janeiro daquele ano: “[...] pela primeira vez nele ‘Congresso’ não me deixei levar, escolhi um grupinho, com risco de ser indelicado, mas pra ser mais eu e me expandir mais livremente. Eram os quatro vintanistas que mais medão o mistério, o insolúvel, mais me inquietam, mais me acaparam, mais amo: o Fernando Sabino e o Hélio, o Paulo e Otto, do grupo dele”. (Apud ANDRADE, 2015, p.360).

¹² LP *Os quatro mineiros* (Som Livre, 1980), com leitura de textos literários e depoimentos autobiográficos.

¹³ Apud MEDEIROS, 1996.

¹⁴ “A poeira da glória” (RESENDE, 1994, pp. 58-63)

“As perguntas são as mesmas porque as respostas são sempre as mesmas; a imaginação não é forte dos jornalistas”, disse Otto do meio da plateia, em boa voz, àquele que provocava a escritora de 22 anos que, em sua opinião, tinha as mesmas respostas para tudo. Àquela altura, Sagan era a autora badalada da novela *Bonjour tristesse*, livro de estreia publicado quatro anos antes. É nesse ponto que começa a crônica de julho de 1976, no relato da “ofuscante aparição”, da experiência da glória primeira da escritora. Não exatamente a imaginada por Paulo Mendes Campos, uma vez que a glória engendrada nos anos moços de Belo Horizonte remete mais à dimensão subjetiva daqueles jovens, fiéis da literatura e da vida intelectual, para quem a própria experiência dessa fé já era gloriosa antes mesmo do primeiro conto, livro ou poema publicado.

Sobre a notoriedade surgida na estreia da escritora, Otto diz:

Era apenas uma pobre donzela burguesa atropelada pelo sucesso. Sua sensibilidade afinava, porém, com o que estava no ar, com o que respirava a juventude de sua época, de sua geração. Sua notoriedade tinha mais o folclore de uma vedete do que o sóbrio desenho de uma escritora.

Avaliando o que teria ficado de substancial do resultado dessa afinação, acrescenta, entre outros assuntos:

Pouco me importa o valor da obra, hoje vasta, que se seguiu a *Bonjour tristesse*. Não me interessa a imortalidade compacta de quem quer que seja. A posteridade aos porcos como exclamava, há vinte anos, esse admirável poeta e cidadão que é José Ribamar Ferreira, mais conhecido como Ferreira Gullar, autor da recentíssima obra-prima *Poema sujo* (de resto exilado na Argentina, para vergonha do Brasil, para vexame nosso, de todos os brasileiros, de cada um de nós). Dito isto, é possível que Françoise Sagan passe como passam as cegonhas. Passe ou não passe, ela terá, porém, captado ou interpretado a sensibilidade de um certo momento; terá encarnado uma personagem-símbolo; com perdão da má palavra, terá sido um prógono. Uma antecipadora. E como tal, terá dito algumas coisas dignas de serem ouvidas e de serem guardadas.

Aproximando-se da conclusão do raciocínio acerca de Sagan, percebe-se que a ideia para crônica teria vindo da leitura de artigo da autora recém-saído no semanário francês *L'Express*¹⁵. Certamente, o assunto do artigo – a solidão moral da vida parisiense – não teve importância. Ao se deparar com o nome da escritora, o passado lhe veio à mente e a reflexão se fez, transfundindo a experiência íntima de suas motivações literárias.

Benício Medeiros sugere que o título da crônica teria origem na possível lembrança do “*pulvis es, et in pulverem reverteris*” (“porque tu és pó e ao pó tornarás”) bíblico, sendo Otto iniciado em citações em latim e mais do que iniciado na cultura e na

¹⁵ Ref. *La solitude*, 05/07/1976

leitura religiosa, seja da Bíblia ou de Padre Antonio Vieira, por exemplo. Para o autor da biografia cujo título recupera justamente o nome da crônica de 1976, o episódio Sagan é significativo, pois “remete a algumas características mais decantadas da sua personalidade: a solidariedade humana, a solicitude, o sentido da relatividade de todas as coisas” (MEDEIROS, op. cit., p.15). A crônica, porém, mesmo *en passant*, remete a ainda outra característica.

Ao citar entre parênteses o exílio de Ferreira Gullar, realiza exercício semelhante àquele destacado nas crônicas do início da década de 1990. É um Otto consciente da dimensão cívica de sua função de jornalista que não deixa de marcar uma posição, mesmo que circunscrita ao estilo e ao tom moderado do comentário breve ou da referência rápida, sejam tempos de ditadura ou de democracia.

1.2 Transfiguração do começo

O começo dos quatro foi traduzido em ficção por Sabino em seu primeiro romance *O encontro marcado*, de 1956. Fernando, Hélio, Otto e Paulo estão representados em três personagens adolescentes que curtem uma rebeldia comportada na capital mineira e atravessam as questões inerentes ao contexto histórico dos anos 30 e 40 na ainda provinciana capital mineira. Os ânimos eram insuflados pelo compartilhamento de um sentimento antifascista e de uma oposição tímida – por formular-se – à moral conservadora. Questões mais amplas perpassadas, entretanto, por dilemas básicos, inerentes ao processo de amadurecimento de qualquer geração: a afirmação da individualidade, as descobertas amorosas, a esperada contestação do estado de coisas herdado dos pais e o desejo de correr o mundo. O interessante, a partir do ponto de vista deste trabalho, é observar, no retrato da juventude que o livro apresenta, traços da gênese da subjetividade daqueles que optam (veem-se levados, aspiram a) por uma vida intelectual – o tecido do que vem sendo denominado como subjetividade do homem de letras.

Sabino está em Eduardo, o protagonista. O garoto precoce no qual o autor quer deixar marcado um individualismo cuja expressão plena parece não encontrar caminho se não na arte, na literatura idealizada como missão:

Não nascemos para dar vaia em político no meio da rua, apedrejar casa de ninguém, pregar cartazes, pichar muros. Não somos moleques. Temos é de escrever, denunciar, através da arte, dar nosso testemunho. Somos escritores, intelectuais, nossa missão é outra. (SABINO, 2006, p. 84)

O alvo da reprimenda é Mauro, em quem se encontram marcas de Hélio Pellegrino, cuja militância política é um aspecto que o diferencia dos três amigos. Das paixões juvenis destiladas em política e literatura, o psicanalista e poeta penderá ao longo do tempo em direção à primeira, tanto no compromisso público do exercício e promoção de sua psicanálise quanto na dinâmica do jogo político que o impulsiona para a associação e ruptura com partidos e para o posicionamento de tribuno em artigos ou nas ruas.

Otto e Paulo aparecem na figura de Hugo (BLOCH, 2000, p.89), o amigo esquivo de saúde debilitada, atormentado por compromissos e pela própria consciência, sem tempo e “sem gosto para nada”, um tipo mais denso do que os outros dois. Na composição das personagens é possível enxergar a localização de Eduardo e Mauro no campo da impetuosidade, da iniciativa sem amarras, do destemor, enquanto a Hugo é destinado o lugar do retraimento, da ação culpada, da dúvida ensimesmada, não da dúvida abraçada.

À maneira de um desafio, nascido em uma das muitas ocasiões em que os amigos estão a “puxar angústia” – o hábito de mergulhar em discussões profunda e superficialmente existenciais – os três arriscam-se a dizer a verdade de cada um a respeito de si e dois outros “no duro e sem contemplações” (SABINO, ibidem, pp. 85-89). Mauro é o primeiro, define-se como um pobre-diabo lírico, um poeta sem jeito para viver. Em seguida, sua percepção sobre Hugo:

– Você, Hugo, é um sujeito bom. Sua maior qualidade. Mas como todo sujeito bom, é um fraco. Talvez influência da saúde, você é fraco e doentio, um sujeito que morre cedo. Não sei explicar... Você não tem mau caráter fraco, é isso. Indeciso, medroso. E como todo medroso, capaz de rasgos de coragem, subir no Viaduto, fazer um discurso em praça pública – Eduardo jamais fará um discurso.

– Não sou orador: sou escritor – interrompeu Eduardo.

– Capaz de nos surpreender com um rasgo de heroísmo, mas também capaz de nos surpreender com um rasgo de mesquinharia. É inteligente, não tem dúvida, mas de uma inteligência maliciosa, insinuante, irônica, o que não é bom sinal, pelo contrário: serve para a malícia, a maledicência, a traição.

Hugo ouve calado e aguarda o parecer de Mauro sobre Eduardo: Lord Byron, Príncipe Gales, um sujeito “ascético demais”, com “aura de pureza não conspurcada”, que não se contamina nunca. Chegada a sua vez, defende-se acatando o tom impiedoso com o qual fora assinalado:

– Bem eu vou falar porque prometi. Mas acho esta brincadeira meio de mau gosto. Vou falar assim mesmo. E não me poupo como você fez; sei que sou um fraco, um vendido, um covarde...

- Não exagere! – os outros dois tentaram ainda um resto de alegria.
- Sou tudo isso, mas sou, também, dono de uma verdade que não se traduz em palavras, e, sim, em gemidos. “*Je cherche em gémissant*”¹⁶. Sou inteligente, sei disso, mas a minha inteligência não é capaz de iluminações, nem de distribuir justiça, como a de vocês.
- Primeiro você, depois nós.
- É inteligência de defesa. Defesa de menino, sou um menino que não aprendeu a viver e que se defende. Sou um pária, um marcado pela morte, um amaldiçoado.
- Em suma: outro pobre-diabo.

Mas não se exime do ataque. Mauro seria um “poeta de esquina”, um “bardo de opereta” cheio de contradições e ostensivo em tudo, alguém “sem verniz” com um quê de impostura, desprovido de sensualidade suficiente para todo o seu sensualismo. Em relação a Eduardo, reforça a caracterização do puro e do intocado, sempre cioso de sua preservação. Aponta o “orgulho de ser o primeiro” do amigo, “presa certa do demônio”, pois, dentre os três, aquele com menor disposição para amar, vítima do orgulho e candidato à solidão.

É interessante que caiba a Hugo o fardo mais pesado tanto na condição de alvo quanto na posição de porta-voz da verdade acerca dos outros e de si mesmo. Os três chegam comovidos ao final do desafio. Eduardo fica com a última palavra, mas se recusa a participar. Confirmando o juízo dos demais, mantém-se imaculado, pois não entra no jogo e não admite a possibilidade de se aventurar em conclusões inevitavelmente enganosas e imprecisas: “Se nós mesmos, que nos conhecemos mais do que ninguém, somos de tal maneira precários no julgamento de cada um é porque não sabemos nada, não somos donos de verdade nenhuma, temos de buscá-la fora de nós”.

É evidente que um romance, como obra de arte, situa-se em um universo à parte, chegando a ser temerário – dependendo da abordagem – querer encontrar correspondências entre personagens dentro e fora do livro, ainda que a história seja declaradamente um *roman à clef* (nem tão velado assim), como é *O encontro marcado*. Na interpretação dessa ficção cifrada, há de se considerar uma camada de filtros entre a realidade em que o escritor supostamente se inspira e o que ele concretiza em um texto. A começar, o nível básico da imaginação do autor. O retrato de Otto em Hugo, em última instância, é fruto da criação de Sabino. Além disso, o mecanismo de condensação das características de um ou mais personagens reais em uma personagem ficcional, ou de dispersão dos traços de um daqueles em dois ou três destes, recomenda cautela ante

¹⁶ Referência a um dos pensamentos de Blaise Pascal: “Se se exalta, humilha-o; se ele se humilha, exalta-o; e contradigo-o sempre, até que ele compreenda que é um monstro incompreensível. Condeno igualmente os que tomam o partido de louvar o homem, e os que tomam de o condenar, e os que tomam o de se divertir; e não posso aprovar senão aqueles que buscam gemendo”.

tentativas de encaixes. Além de Otto e Paulo, Hugo também teria um pouco de João Etienne Filho (BLOCH, *idem*), por exemplo.

Todavia, para o ponto de vista defendido aqui, mobilizar o imaginário de um autor a respeito dos amigos justifica-se em virtude da afinidade que essas representações encontram em outras manifestações concernentes ao grupo, principalmente nas cartas trocadas entre Otto e Fernando. Manifestações entendidas como corpos textuais que expressam quem eram, o que faziam, o que pensavam esses homens de letras, servindo à revelação de uma subjetividade que é tecida no mesmo processo em que as identidades de cada um despontam da oposição às dos outros.

1.3 Aproximações da subjetividade do homem de letras

Neste ponto é importante esboçar em que consiste essa subjetividade que se busca revelar. Por subjetividade depreende-se tanto o espaço da interioridade – o abrigo do pensamento e dos procedimentos internos da afetividade – quanto sua sedimentação na forma da gramática mais íntima dos indivíduos, por meio da qual se internalizam as percepções e pressões do mundo exterior e a partir da qual se externalizam as ações – motivadas ou não – que qualificam os sujeitos como atores sociais. Essa gramática íntima permite a cada um a compreensão do mundo e a compreensão de si em um processo cujo resultado – sempre parcial – vem a ser a constituição de uma voz específica ou de uma personalidade.

Este trabalho tem como objetivo secundário apresentar contornos possíveis de uma suposta “subjetividade do homem de letras”, admitindo o pressuposto de que uma sensibilidade específica perpassa os que se inserem nessa categoria. Em “objetivo secundário” leia-se também “pretensão maior” uma vez que tal denominação é possivelmente tão diversa quanto a incidência de escritores e jornalistas definidos dessa maneira – ficando apenas nos limites mais pertinentes neste tortuoso e acidentado raciocínio –, sem falar dos aspirantes a homem de letras, que não constituem uma parcela irrelevante daqueles iniciados em mitologia literária.

O objetivo principal – ou pretensão menor, pois hipoteticamente mais viável – é mover, e esticar até algumas conclusões, determinados fios do novelo que é a subjetividade dos homens de letras brasileiros associados à geração de 1945. O ano marca o que se costuma ver como o início de uma nova fase da literatura brasileira que coincide com o fim da Segunda Guerra e, simbolicamente, com a morte de Mário de

Andrade, conforme a lembrança valiosa de Antonio Candido ([1997] 2004, p.115), associação nada banal e muito cara aos moços em pauta, que, à época, estavam no princípio de seus vinte anos.

O meio que poderá desembaraçar alguns fios do novelo será a análise da vivência de Otto Lara Resende como homem de letras. Tarefa por certo incompleta – talvez impossível – sem a atenção especial e estudo compreensivo da relação do escritor com seus companheiros de geração. Qualquer análise que decida privilegiar a biografia de uma personagem, seja com o objetivo de compreender as escolhas e os caminhos traçados por esse indivíduo ou no sentido de vislumbrar através de suas ações as vias possíveis de toda uma geração, deve procurar analisar em paralelo a trajetória daqueles com os quais se relacionava mais intimamente. O estudo das amizades, do grupo, possibilita ângulos que não são acessados facilmente em um primeiro momento. Por mais que o pesquisador não ignore a importância das realizações dos companheiros de viagem do seu objeto de estudo, corre sempre o risco de encará-los e trabalhá-los como simples ambientação.

Na mencionada entrevista concedida em 1981, Otto aborda o tema do “grupo” e destaca a importância dos companheiros em sua “configuração”:

Aliás, é um tema interessante, ainda por estudar, este da influência dos amigos sobre cada um de nós. O *grupo*, reunido segundo afinidades intelectuais e outras, exerce um papel importantíssimo na vida de cada qual. Eu não seria eu mesmo sem os amigos, todos os amigos que num certo sentido me configuram (SANTOS, org., ibidem, p.96).

No que diz respeito ao grupo desses vintanistas mineiros, chaves para a consideração do papel desempenhado pelos amigos são encontradas nas seguintes fontes. Em primeiro lugar, no estudo do convívio adolescente recriado em *O encontro marcado*, percebido como romance autobiográfico. Em seguida, em crônicas, depoimentos e entrevistas; estas, marcadas por uma “virtualidade biográfica”, o que a pesquisadora argentina Leonor Arfuch ([2002] 2010, p. 31) entende como peculiaridade do gênero, uma qualidade que conduz à “exposição da interioridade, da afetividade, da experiência”, e aquelas, as crônicas, revestidas de forte componente memorialístico no caso de Otto. Por fim, na análise das correspondências de Otto e Sabino: em plano complementar, um recorte da correspondência de Otto com remetentes como homens públicos e colegas de profissão; em especial, um recorte das cartas trocadas entre os dois.

As quatro fontes relacionadas podem ser inseridas em um conjunto amplo de gêneros discursivos que, em intensidades variadas, evidenciam narrativas vivenciais. Arfuch coloca-os entre os componentes de sua conceituação de *espaço biográfico*. Mais do que denominar um território compartilhado pelas várias formas em que “as vidas se narram e circulam”¹⁷, seu raciocínio busca responder à constatação de uma ênfase biográfica peculiar à cultura contemporânea – verificada na profusão¹⁸ de discursos literários, produtos acadêmicos, editoriais e midiáticos, entre outros, que tematizam relatos biográficos e autobiográficos – por meio da visualização de um “horizonte de inteligibilidade”, um campo propício à articulação e à leitura cruzada das diferentes formas e gêneros admissíveis com vistas à compreensão mais abrangente possível de um “clima de época” (ARFUCH, *ibidem*, p.58).

Com o entendimento de que esta dissertação ocupa também um modesto torrão desse espaço biográfico, um romance autobiográfico, crônicas que pendem para ensaios memorialísticos, entrevistas que tentam dar conta de uma vida e cartas trocadas entre amigos de longa data são analisadas dentro de uma perspectiva que valoriza esses gêneros como desdobramentos da subjetividade de seus autores. Em *O encontro marcado*, além da caracterização de Otto, é interessante observar a recriação dos primeiros anos de formação¹⁹ do grupo e o relato de Fernando de sua experiência íntima nesse processo.

Ao abordar a preocupação sempre levantada em relação à identificação entre autor e personagem em textos autobiográficos ou em discursos autorreferentes – tal como as crônicas e depoimentos em pauta –, Arfuch mobiliza a noção de *valor biográfico*, do teórico russo, Mikhail Bakhtin para relativizar a importância desse dilema na reflexão que constrói a favor de seu horizonte conceitual. Para Bakhtin não

¹⁷ Nestas e noutras palavras, Leonor Arfuch, em *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*, define o entendimento de “espaço biográfico” do estudioso francês Philippe Lejeune, autor de *O pacto autobiográfico* [(1975) 2008], referência na área. A autora questiona uma perspectiva que tenderia a enfatizar a ideia de reservatório de diferentes narrativas vivenciais no estabelecimento da noção. Lógica, ela aponta, ainda muito presa a uma “vontade acumulativa” que enxerga as diferentes modalidades de relato mais com o espírito de relacionar exemplos do que elaborar um campo conceitual.

¹⁸ Em um levantamento não exaustivo, Arfuch relaciona uma série de formas que compõem o espaço biográfico: biografias, autorizadas ou não, autobiografias, memórias, testemunhos, histórias de vida, diários íntimos, correspondências, cadernos de notas, de viagens, rascunhos, lembranças de infância, autoficções, romances, filmes, vídeo e teatro auto biográfico, conversas, retratos, perfis, anedotários (op.cit., p. 60).

¹⁹ Segundo a ideia de *bildung*: “um projeto de formação, de aperfeiçoamento, da personalidade que exige a intervenção de algo externo e objetivo que, agindo como se fosse um desafio lançado à vida interior, força a subjetividade a se transformar para enfrentá-lo, fazendo com que, por essa rota, ela termine por alcançar um estágio superior, mais cultivado de si mesma” (ARAÚJO, 2014, p. 181).

existiria identidade possível entre autor e personagem, pois não há coincidência entre “a experiência vivencial e a ‘totalidade artística’” (ibidem, p. 55). O olhar daquele que relata a sua própria história é um olhar de estranhamento, uma “volta de si”, que não difere muito do lugar de enunciação de qualquer autor de texto narrativo ou de um biógrafo que se identifica com o personagem e se dispõe a recontar sua vida. Um nível básico de distanciamento entre o enunciador e a matéria do relato, entre “enunciação e história”, garantiria um caráter literário a esses textos que emana do valor biográfico que contêm, uma força que “pode organizar uma narração sobre a vida do outro, mas também ordena a vivência da vida mesma e a narração da nossa própria vida, esse valor pode ser a forma de compreensão, visão e expressão da própria vida” (BAKHTIN [1979] 1992, p.166).

Se em textos biográficos, entrevistas e autobiografias o exame da subjetividade do autor e/ou do personagem é indissociável do reconhecimento desse lugar de alteridade, a exploração da subjetividade a partir da análise de correspondências deve conferir uma presença do outro em grau ainda mais intrincado. Apesar de óbvia, uma vez que a troca de cartas é relação fundada e constituída em bases dialogais, esta afirmação serve à introdução de um aspecto fundamental. Uma carta de Otto a Fernando, ou vice-versa, permite o ingresso à dimensão de interioridade de um em momento valioso, pois de exercício pleno da escrita de si e de elaboração de sua subjetividade em diálogo com o outro.

Em ensaio intitulado *A escrita de si* ([1983] 1992), o pensador francês Michel Foucault insere o estudo das cartas de Sêneca a Lucílio em suas considerações sobre os exercícios da escrita e as “artes de si mesmo” na cultura greco-romana. O alcance da prática da correspondência iria além da possibilidade de atualização a respeito da vida do destinatário e da emissão de algum conselho:

Por meio dessas lições escritas, Sêneca continua a exercitar-se a si próprio, em função de dois princípios que invoca frequentemente: que é preciso aperfeiçoar-se toda a vida e que a ajuda alheia é sempre necessária ao labor da alma sobre si própria. (Idem., p. 147)

Uma reciprocidade mais profunda se inscreve no circuito da correspondência, aquela “do olhar e do exame”. O remetente emite um olhar sobre o outro, que se sente examinado, mas passa por exercício semelhante em relação a si mesmo, pois a verbalização em texto desse olhar o impele à própria observação. Dá-se curso a um processo introspectivo que opera em benefício da aproximação da verdade íntima de

quem escreve. O desempenho da ação racionalizadora em que se constitui a escrita da carta leva a uma “objetivação da alma” (idem, p.152), pois ela é revelada na tentativa de torná-la compreensível para o correspondente.

Uma troca de cartas que habilite esse tipo de abordagem pressupõe uma relação de amizade marcada pela disposição de entrega de um correspondente a outro. Entrega que pode encontrar lastro em anos de convívio, como os que uniram Otto e Fernando, mas que também pode se afirmar e criar suas próprias referências dentro do espaço de convivência que surge no trajeto circular introspecção-escrita-leitura-introspecção-escrita.

Da vasta obra epistolográfica de Mário de Andrade é possível extrair exemplos significativos desse tipo de amizade cuja abertura para o outro, em certo sentido, prescinde da convivência. Sua amizade com Manuel Bandeira é reconhecida como a mais importante das muitas que teve (JARDIM, 2015, p.111). Embora os dois atestassem a importância da relação com confissões de “melhores amigos”, a força da entrega de Mário não foi acolhida por Manuel sem a percepção de que as cartas apresentavam uma visada diferente daquilo que emanava da figura “real” do correspondente.

Isso nasceu com toda certeza do fato de ter a nossa amizade nascido e crescido em cartas. Há uma diferença grande entre o você da vida e o você das cartas. Parece que os dois vocês estão trocados: o das cartas é que é o da vida é o que é das cartas. Nas cartas você se abre, pede explicação, esculhamba, diz merda e vá se foder; quando está com a gente é... paulista (MORAES, org., 2001, p.264).

O que o pernambucano aponta no efusivo do “você das cartas” é a visceralidade do amigo que só encontra a medida/desmedida da expressão, e o efeito desejado do “rosto próprio junto ao outro” (FOUCAULT, idem, p. 151), nas missivas.

Outro caso que exemplifica a vazão peculiar que as cartas conferem ao entusiasmo de Mário – algo como um êxtase da expressão – encontra-se em seu diálogo à distância com Carlos Drummond de Andrade. Em uma abordagem recente dessa correspondência, Ricardo Benzaquen de Araújo (2014) dá ênfase à atmosfera de intimidade, urgência e intensidade presente já na primeira carta ao poeta mineiro, em outubro de 1924. Guiada por uma pulsão por autenticidade, sua manifestação desabrida, que dá o tom já na carta que responde ao chamado de Drummond para que ele o “procure em suas memórias”, resulta dos esforços por “impor uma forma à sua subjetividade”. Esforços que ocorrem tanto em função da vontade consciente de entrega

quanto em decorrência do exercício mesmo da escrita de si desinteressada – se esta for possível.

1.4 Vivido, falado, escrito

Em 1957, Otto vai para Bruxelas a convite do Itamaraty com a tarefa de inaugurar uma cadeira de Estudos Brasileiros na universidade local, o que acaba não acontecendo. Trabalhará na embaixada brasileira, colaborando em projetos como a organização do pavilhão do Brasil na exposição universal de 1958 realizada na capital belga. O escritor em mais de uma ocasião ressaltou o período em que viveu na Bélgica, pouco mais de dois anos, como o de “plenitude da minha vida”, um momento de “reencontro comigo mesmo” (RICCIARDI, idem, p.139).

Os anos de 1945 a 1957, da chegada ao Rio de Janeiro à ida para a Bélgica, haviam sido de intensa atividade na imprensa carioca. Passou por *Diário de Notícias*, *O Globo*, *Diário Carioca*, *Correio da Manhã*, *Última Hora*, além dos dois anos como diretor na *Revista Manchete*. Sem contar a participação nas independentes e menos longevas publicações *Flan* e *Comício*.

Iniciou no *Diário de Notícias*, onde cobriu o Congresso e a Assembleia Constituinte de 1946 com Edgar da Mata Machado²⁰, mineiro de Diamantina quase dez anos mais velho que para lá o levara. O mesmo também o levaria para *O Globo* e a colaborações para o *Diário Carioca*, nos quais trabalhou em períodos diferentes, mas sem deixar o *Diário de Notícias* onde permaneceu por três anos.

Teve duas passagens pelo *Correio da Manhã*: a primeira, breve, como colunista a convite do editorialista e crítico literário Álvaro Lins; na segunda, com o apoio do proprietário Paulo Bittencourt e as ingerências de Augusto Frederico Schmidt – editor, empresário, poeta e eminência parda na vida política brasileira da década de 1950 –, chegou com a missão de encaminhar uma reforma na editoria política do jornal logo desarmada pela presença incisiva do redator-chefe Pedro da Costa Rego, ex-senador e ex-governador de Alagoas, que ordenou no primeiro dia “Você andou por aí hoje; está ali uma máquina, sente-se e escreva o que há na política. Se for bom, amanhã você fica sabendo, porque sai; se não for, cesta”²¹.

²⁰ Jornalista e senador (1913-1993).

²¹ Crônica “Da mortalidade dos jornais”, *O Globo*, 23/11/1976.

Na *Última Hora* foi onde pela primeira vez pôde trabalhar em um único jornal²². Com Francisco de Assis Barbosa, era um dos redatores principais. A distinção e o luxo de apenas um compromisso oficial não evitaram o que ele denominava como “estiva”: “Fiz de tudo. Fui até crítico de cinema. Samuel me atirava no poço das ariranhas. Escrevi sobre tudo. Fui colunista literário”, rememora na crônica escrita por ocasião da morte de Samuel Wainer em setembro de 1980.

Além do período como diretor da *Manchete* manteve-se ligado à revista, deixando-a só em meados da década de 70. Tornou-se célebre o depoimento que colheu do general, futuro marechal, Teixeira Lott publicado na edição de 19 de novembro de 1955. Realizada poucos dias após o movimento que, à luz da história, terminou por assegurar a posse de Juscelino Kubitschek e João Goulart, a entrevista esclareceu como o então ministro da Guerra, por iniciativa própria, afastou o presidente interino Carlos Luz²³, pois intuía que uma mobilização de setores das Forças Armadas articulados com alas udenistas não mediria esforços para impedir a confirmação do presidente e vice-presidente eleitos em outubro daquele ano. A cadeia de acontecimentos ficou conhecida como Novembrada, ou Movimento de Retorno aos Quadros Constitucionais Vigentes, segundo Lott, mas nas palavras de Otto em uma precisão definidora que expressa bem o caráter institucionalmente insólito – e ainda assim pouco incomum na história política brasileira – de todo o evento.

Seguindo o marco pessoal sugerido por Otto, o do “reencontro consigo mesmo” em sua estadia belga, este relato entrecortado de sua trajetória chega a agosto de 1959 e a seu retorno ao Brasil. O período que vai da volta ao Rio de Janeiro a 1967, quando tem início nova temporada europeia em Lisboa a serviço do Itamaraty, é de um Otto menos preso à “maluquice de trabalhar em jornais”, como se refere às 12, 14 horas diárias dedicadas às redações de sua primeira época na capital do país. Nesse segundo tempo, além das colaborações para a *Manchete* e da entrada no *Jornal do Brasil*, retomou também sua vida de funcionário público como advogado da Procuradoria do Distrito Federal, da qual se desligará, aposentado, já como procurador do Estado do Rio em 1983.

²² Crônica “S.W.”, *O Globo*, 07/09/1980.

²³ Presidente da Câmara dos Deputados que assumiu interinamente a Presidência da República após o afastamento de Café Filho por motivos de saúde em novembro de 1955. Café Filho era vice-presidente de Getúlio Vargas e o substituiu após o suicídio de 24 de agosto de 1954.

Como tantos homens de letras brasileiros, Otto não escapou da “fatalidade” do funcionalismo. Ao recontar seu percurso profissional no depoimento a Paulo Mendes Campos²⁴, duas de suas facetas destacam-se pela reticência de que se utiliza ao abordá-las. A primeira é introduzida da seguinte forma: “Estou na TV, ah é mesmo, na TV Globo, sou diretor-adjunto, mas não indague muito, não” (SANTOS, org., 2002, p. 51). A segunda surge enquadrada pela sugestão de desconversa: “Como funcionário, prefiro não falar. Muita lembrança ruim, outras boas. Sempre fui funcionário, que fatalidade.” (idem, p. 40). Neste caso, diferentemente do anterior, o tom de desconversa é mais retórico, pois detona o apanhado dos cargos que ocupou desde auxiliar da Secretaria de Finanças de Minas, aos 17 anos, a procurador, passando por controlador mercantil do Distrito Federal em 1949. Não relaciona os dois postos no exterior nesta passagem, mas os menciona em outro momento. A omissão é compreensível, pois, por mais que as funções desempenhadas na Bélgica e em Portugal tenham demandado em muitas ocasiões esforços burocráticos semelhantes aos que deve ter enfrentado no Brasil, os cargos de ordem diplomática implicam uma esfera de prestígio e distinção que os distanciam do cotidiano comezinho encontrado no tipo de funcionalismo público que, talvez, lhe tenha inspirado as lembranças ruins de que fala. Além disso, é o Otto valorizado por suas habilidades literárias, o jornalista e homem de letras, que é designado para representar o país no exterior. Uma hipótese que pode auxiliar a compreensão da reticência em relação às identidades profissionais como membro do alto escalão da Globo e funcionário público pode estar justamente naquilo em que essas facetas fugiam ao ideal de homem de letras que ele gostaria de manter para si.

É em meio ao jornalismo menos maçante e ao funcionalismo resignado que Otto conclui o projeto literário de maior ambição até ali, a publicação em 1963 do romance *O braço direito* pela Editora do Autor, empreitada de Fernando Sabino e Rubem Braga em associação com o advogado Walter Acosta. Era seu quarto livro, após os contos de *O lado humano* (A Noite, 1952), *Boca do inferno* (José Olympio, 1957) e *O retrato na gaveta* (Editora do Autor, 1962). Embora relativamente bem recebido, o romance desagradou o escritor, que o revisará continuamente. Uma segunda edição sairá postumamente, em 1993, em nova versão de acordo com suas orientações.

A vaga de adido cultural na Embaixada do Brasil em Portugal teria resultado dos contatos da esposa Helena Pinheiro de Lara Resende, que “teria mexido seus

²⁴ Concedido em forma de carta, este é o testemunho mais longo a respeito de si.

pauzinhos” para afastar o marido da boemia que o acompanhava nos tempos de comentarista de telejornal. (MEDEIROS, idem, pp.100-101). Não vem ao caso averiguar até que ponto essa circunstância motivou a saída do país, mas as conexões da mulher não são indignas de nota. Otto “casou numa família de político”²⁵. Helena era filha de Israel Pinheiro – deputado, governador de Minas (1966-1971) e um dos principais homens de Juscelino Kubitschek na construção de Brasília – e neta de João Pinheiro, uma das principais lideranças mineiras na virada do século XIX para o século XX.

A década de 70 recebe Otto a caminho de uma posição de conforto profissional e gozo de prestígio e influência que dão sentido à entrada na direção da Globo e do *Jornal do Brasil* e à posse na ABL²⁶. Em grande medida, a reputação que adquire e a condição de objeto de disputa em que se vê devem-se à sua habilidade para a convivência, característica apontada em quase unanimidade pelos que o conheceram. A disponibilidade para a prática do convívio e da amizade encontrou valiosa decorrência de sua aptidão para o diálogo, falado ou escrito. Para alguns, o “melhor” de Otto estava em suas qualidades de missivista. Para outros, o “melhor” estava também no talento que tinha para a conversa. Carlos Castello Branco – piauiense de nascimento, mas parcialmente mineiro em razão dos anos de juventude e educação formal e sentimental em Minas – define bem aquilo que vê em Otto quando se busca definir o que deve ficar e celebrar de suas ações e obra:

Os amigos que tiveram o privilégio de receber suas cartas julgam que o melhor de Otto estava na incontinência do espírito do missivista tanto quanto no fulgor da palavra e do poder de comunicação direta desse que foi quem melhor soube conversar no país e no seu tempo²⁷.

Wilson Figueiredo, outro companheiro de juventude mineira e de jornalismo carioca, destacou a transcendência como registro histórico e sociológico que as cartas teriam alcançado:

Otto foi escritor em tempo integral, mesmo escrevendo por obrigação diária em jornais, para sobreviver ao seu tempo. Além da ficção a ser reeditada, há um tesouro intacto: a valiosa correspondência por ser reunida, mais de meio

²⁵ Assim como Fernando Sabino. Sua primeira esposa, também Helena, era filha de Benedito Valadares.

²⁶ Data dessa época também o começo da contribuição semanal para *O Globo* nos longos artigos aos moldes daqueles trabalhados aqui.

²⁷ “Pequeno réquiem para Otto Lara Resende”, artigo publicado em 29/12/1992 no *Jornal do Brasil* (CASTELLO BRANCO, 1994, pp.166-169)

século de cartas e bilhetes do mineiro insuperável na capacidade de convivência com semelhantes e diferentes. Vale a pena uma edição comentada sobre os destinatários e as circunstâncias de tempo e lugar²⁸.

É com a confiança no que esse tesouro pode revelar da subjetividade de Otto, o homem de letras mais completo de sua geração, na opinião de Silviano Santiago²⁹, que esta dissertação seguirá.

²⁸ “Palestra sobre Otto Lara Resende”, (FIGUEIREDO; ANDRADE 2011, p. 208).

²⁹ Depoimento publicado no *Jornal do Brasil* em 29/12/1992. “Otto era um dos estilistas mais límpidos classicizantes de sua geração. Esse toque de maestria podia ser visto até mesmo nos escritos mais modestos, que eram suas crônicas para a imprensa diária. Otto aliava a limpidez de estilo a um bom humor, que se travestia sob a forma de uma fina ironia machadiana. É o homem de letras mais completo de sua geração. Alguém que viveu, intensamente, a vida literária”.

2 **SOBRE O REMETENTE, A PARTIR DO DESTINATÁRIO, OU VICE-VERSA**

É um Nelson Rodrigues ironicamente lamentoso que se queixa do silêncio epistolar de Otto durante sua temporada lisboeta. A propósito dos trejeitos do autor de *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária* – e um pouco fora de propósito no contexto deste capítulo –, os lamentos e queixumes de Nelson são eram em geral artifícios de defesa que, revestidos de ironia, buscavam minar a reação indignada daqueles que se mostravam incomodados com a frequência com que seus nomes inspiravam citações e personagens de suas crônicas e peças. Otto talvez tenha sido a mais célebre dessas inspirações.

2.1 **Via Nelson, outra vez**

Uma rápida consulta às crônicas publicadas no *Correio da Manhã* e n' *O Globo*³⁰ revelará Otto como um dos muitos nomes de amigos e desafetos citados pelo dramaturgo. Todos objetos de um espírito tão efusivo quanto provocador. Mas nenhuma referência foi tão ostensivamente executada quanto a que estampou Otto Lara Resende como título em néon nos letreiros do Teatro Maison de France. Logo na primeira cena a citação se desdobra:

PEIXOTO – Você está alto, eu estou alto. É a hora de rasgar o jogo. De tirar todas as máscaras. Primeira pergunta: – você é o que se chama de mau-caráter?

EDGARD – Por quê?

PEIXOTO (*vacilante*) – Pelo seguinte.

EDGARD – Fala.

PEIXOTO – Estou precisando de um mau-caráter. Entende? De um mau-caráter.

EDGARD – Quem sabe?

PEIXOTO – Espera. Outra pergunta. Você quer subir na vida? É ambicioso?

EDGARD – Se sou ambicioso? Pra burro! Você conhece o Otto? O Otto Lara Resende? O Otto!

PEIXOTO – Um que é ourives?

³⁰ As memórias e confissões já mencionadas, posteriormente reunidas nas antologias *A menina sem estrela* (1967), *O óbvio ululante* (1968), *A cabra vadia* (1970) e *O reacionário* (1977).

EDGARD – Ourives? Onde? O Otto escreve. O Otto! O mineiro, jornalista! Tem um livro. Não me lembro o nome. Um livro!

PEIXOTO – Não conheço, mas. Bola pra fora! Bola pra fora!

EDGARD – O Otto é de arder! É de lascar! E o Otto disse uma que eu considero o fino! O fino! Disse. Ouve essa que é. Disse: “O mineiro só é solidário no câncer”. Que tal?

PEIXOTO (*repetindo*) – “O mineiro só é solidário no câncer”. Uma piada.

EDGARD (*inflamado*) – Aí é que está: – não é piada. Escuta, dr. Peixoto. A princípio eu também achei graça. Ri. Mas depois veio a reação. Aquilo ficou dentro de mim. E eu não penso noutra coisa. Palavra de honra!

PEIXOTO – Uma frase!

O santo nome de Otto é levantado 47 vezes ao longo da peça (CASTRO, 1992, p. 327). A frase que lhe é atribuída está entre as suas tiradas mais conhecidas e é possivelmente a mais famosa. Não se sabe se é mesmo dele, mas traz a acidez lapidar em relação às coisas de Minas que costuma caracterizar seu estilo. “O mineiro só é solidário no câncer”, Edgard diz a Peixoto. Em uma espécie de atestado da baixa moral à qual todos deveriam se conformar, Edgard desenvolve:

EDGARD – Mas uma frase que se enfiou em mim. Que está me comendo por dentro. Uma frase roedora. E o que há por trás? Sim, por trás da frase? O mineiro só é solidário no câncer. Mas olha a sutileza. Não é bem o mineiro. Ou não é só o mineiro. É o homem, o ser humano. Eu, o senhor ou qualquer um só é solidário no câncer. Compreendeu?

PEIXOTO – E daí?

EDGARD – Daí eu posso ser um mau-caráter. E pra que pudores ou escrúpulos se o homem só é solidário no câncer? A frase do Otto mudou a minha vida. Quero subir, sim. Quero vencer.

Otto aparece tal qual um guru, o revelador de uma verdade, o mineiro "de arder", "de lascar" que em uma frase sugere mergulhos na alma humana a tipos medíocres em um botequim carioca. Posteriormente, a frase será usada por Peixoto contra Edgard, o exegeta, na tentativa de convencê-lo a casar-se por dinheiro com Maria Cecília, cunhada de Peixoto, e filha do chefe de ambos, cuja inocência precisava ser reparada a qualquer custo após ter sido violentada. Em jogo, como de costume no universo criado por Nelson Rodrigues, tensões e interditos sexuais que se enovelam

com questões de classe e levam a um tipo de crítica social tão inédito quanto perturbador para a época.

Dos amigos de Nelson, diz-se que Otto era o que ele mais admirava, enquanto Hélio Pellegrino aquele que ele mais amava (PIRES, 1998, p. 43). A admiração seria o motivo das insistentes menções. A mais memorável delas – menos em razão do personagem-fantasma que se revela nas falas do que em virtude do impacto irreparável que o título infligiu ao imaginário em torno do nome de Otto – deveria ser vista “como uma cândida, límpida, inequívoca homenagem ao amigo”³¹

Contudo, há uma dimensão dos motivos de Nelson que vai além da explicação pela “simples amizade”:

Tudo na personalidade de Otto é um convite à ficção. Ele pertence menos à vida real e muito mais ao romance, à poesia, ao puro e irresponsável folclore. É um escândalo vê-lo na Procuradoria do Estado, a redigir pareceres sobre esgotos e padarias. O justo seria encontrá-lo impresso, em alguma página de Flaubert, ou mesmo de Eça ou, ainda, de Dickens. (FROTA, org., 2006)

Otto é retratado como uma personagem eminentemente literária. No entanto, enxergar matéria ficcional naqueles com quem convivia ou travava breve conhecimento fazia parte do método de criação de Nelson Rodrigues. A “grã-fina de nariz de cadáver”, a “estagiária de calcanhares sujos”, o “padre de passeata” são exemplos dos tipos inventados a partir do cotidiano para surgirem como personagens aos quais o autor recorria de crônica em crônica como uma espécie de elenco fixo, um *dramatis personae* aplicado às páginas de jornal.

É como se Otto também tivesse sido incluído nessa companhia de tipos, e, dada a sua versatilidade, servisse para a crônica, teatro e folhetim. Em *Asfalto selvagem*, o romance de 112 capítulos publicados na *Última Hora* de agosto de 1959 a fevereiro de 1960, Otto está lá, citado copiosamente pelo doutor Odorico Quintela, que em alguns momentos parece estar obcecado não somente por Engraçadinha, a quem tenta seduzir, mas também por ele, quem o juiz vê como parâmetro para a frase bem colocada ou para a ação bem planejada.

É de se imaginar que Otto aceitasse a insistência de Nelson de maneira ambivalente. A peça certamente o desagradou. Sua reação o teria levado ao dilema, de fácil saída, mas ainda assim dilema: matar o dramaturgo ou ficar indiferente. “Mas

³¹ Entrevista de Nelson publicada na edição de *O Cruzeiro* em 22/12/1962, reproduzida em FROTA (org.), 2006.

como o homicídio é punido pelo código penal, optei pela indiferença”³². Declaração que não se deve encarar como simples frase de efeito. Aquela fixação toda o aborrecia, pois quase sempre vinha enquadrada por um olhar debochado que acabava tornando-o vítima de suas próprias afirmações, originadas em outros contextos³³.

Ainda na trilha do que a predileção de Nelson joga luz sobre a personalidade de Otto, a sequência da exposição de seus motivos permite associações convenientes:

Outra coisa, que empurra o Otto para a ficção: a angústia. Não se pode imaginar sujeito mais sofrido. As suas depressões são, hoje, famosas, consagradas e, digo mais, invejadas. Explico: “invejadas” porque o herói, o santo, o gênio ou o profeta do, nosso, tempo, há de ser neurótico. O sujeito se angustia porque se opõe a um mundo, que fracassou. Por vezes, o Otto aparece, na Procuradoria, macerado, como um Werther.

O sofrimento que Nelson aponta é a sombra romântica associada ao artista em geral e, como convém ressaltar, ao homem de letras. Essa angústia é componente-chave da mitologia literária. Sua preeminência na constituição desse ideal moral indissociável da gênese do homem de letras é bem explicada na citação acima. Por “ideal moral”, cabe esclarecer que a noção aqui empregada se aproxima da definição postulada por Charles Taylor: “[...] um quadro de como seria um modo de vida melhor ou mais elevado, onde ‘melhor’ e ‘mais elevado’ são definidos não em relação ao que possamos desejar ou precisar”, mas oferecem “um padrão do que devemos desejar” (TAYLOR, 2011, p.25).

O adolescente que, “encharcado de literatura”, se imagina escritor vai de encontro a uma realidade que, em dado momento, passa a lhe parecer descabida, anódina, quando não insuportável. Os livros tornam-se, então, a chave para a decifração de uma realidade maior. Um recurso que, em última instância, não significará simples escapismo, mas a rara chance de esbarrar na abertura de uma senda que, por mais que possa levar a inúmeras maneiras de encarar a desilusão, como Otto declarou ter

³² Declaração de Otto ao *Diário de Minas*, 16/12/1962.

³³ Em carta de 19/08/1969 a Fernando, que à época decidira parar de fumar, ao falar do período em que ele próprio descobrira as virtudes de abandonar o vício, Otto chega a essa avaliação a respeito dos artifícios de Nelson: “Você não se lembra (...) quando eu deixei e passei nove meses firme? Descobri coisas do arco da velha. Convenci vários sujeitos não fumar [...] Fiz um apostolado maravilhoso. Inventei que o melhor é ser viciado em não fumar; que o não fumo escraviza o não fumante [...] O Hélio [Pellegrino] me fez até uma falseta: contou trocado pro Nelson e este publicou um artigo no *Globo* dizendo que eu viera ao mundo para não fumar, que tinha descoberto a minha vocação (o que de fato eu tinha dito, mas o Nelson apresentou a coisa por um ângulo achincalhante e gozativo, usando inclusive contra mim o que eu tinha inventado inocentemente – aliás, só de falar nisso me dá uma certa raiva do Hélio, que várias vezes me fez esse tipo de boquirrotismo com o Nelson” (RESENDE, 2011, pp.373-374).

encarado, aproximará o jovem da iluminação de um sentido para a sua vida, de uma orientação. Ou, talvez, de uma vocação que não necessitará de sua realização idealizada para se realizar. Ou melhor, uma vocação que se realiza a despeito de sua idealização. Mais à frente, vocações e suas realizações retornarão, mas, como há de ser, sem a garantia de “realização” deste esboço de raciocínio.

A aura nebulosa que salta aos olhos de Nelson é também a identificação de uma personalidade cindida em Otto. Ao lado da evocação da alma gentil, simpática, amistosa, da boa convivência, não raro os muitos que o tiveram como amigo sugerem uma imagem de mistério ou esquivança. Em tintas próprias da transfiguração literária concretizada em *O encontro marcado*, o lugar especial da angústia para os jovens projetos de homens de letras é consagrado pela reiteração da expressão “puxar angústia”. Uma prática que denota o gozo em sofrer a experiência crítica do mundo. O retorno ao romance de Sabino sugere também a possibilidade de argumentar que o terreno obscuro onde Mauro diz habitar a alma atormentada de Hugo tem intercessões com a área cinzenta vista como fonte de inspiração para a criatividade/implicância de Nelson – sugestão que deve ser acompanhada de toda a cautela necessária ao uso da ficção como evidência de tal ordem.

2.2 Destinos e destinatários

As breves linhas entre Rio e Lisboa que ensejaram a digressão acima – nem tão digressiva a ponto de despropositada, espera-se – remetem a Otto e sua disposição de conviver de maneira epistolar. Em Portugal, passava “as 24 horas do dia escrevendo a amigos, conhecidos, desconhecidos e inimigos”. Menos a ele, Nelson, que se dizia desprezado: “Um único, entre os 80 milhões de brasileiros, que não recebe uma carta sua, sou eu. Esta honra ninguém me tira³⁴”.

A profusão missivista das temporadas europeias, em Lisboa e Bruxelas, é expressiva, mas não destoa do padrão de correspondência habitual. No entanto, de acordo com os recortes que organizam esta dissertação e para a melhor análise da subjetividade do homem de letras nos momentos de sua revelação e afirmação, as cartas

³⁴ Carta sem data. Em 13 linhas, Nelson dirige-se ao “famoso e torpe Otto”, com lamentos, por não se ver entre seus destinatários, e perplexidade retórica: “Para mim, o seu amor a Portugal é um dos maiores mistérios da vida real. Tudo, menos voltar ao Brasil, esta abominável terra. Só Deus sabe por que você nutre pela pátria ódio tamanho. Não vou continuar, porque a minha inspiração, hoje, é rala e escassa. Mas acredite, meu doce e pérfido Otto, que, se eu não estou no seu coração, você está no meu, eternamente.”

que datam desses períodos ganharão maior destaque em momento oportuno, quando a luz for lançada na troca entre Otto e Fernando. Por ora, o objetivo será oferecer um panorama, nada exaustivo, do corpo da correspondência de Otto a partir da abordagem de alguns de seus correspondentes.

Ao longo da vida, o escritor teve o cuidado de preservar o registro de suas comunicações escritas. O acervo doado pela família ao Instituto Moreira Salles - IMS³⁵, em 1994, conta com mais de 20 mil unidades, entre livros, fotos, manuscritos, algumas obras de arte, móveis, objetos pessoais e correspondência. O conjunto de bilhetes, cartas, telegramas, telex passa de mais de sete mil itens. Do total, quase dez por cento dizem respeito a documentos remetidos pelo autor. Não obstante uma parcela pequena de cópias dos originais, que podem ter permanecido pela vontade de Otto, é de se supor que a maior parte da correspondência ativa tenha sido incorporada ao acervo posteriormente, doada pelos destinatários e suas famílias.

O olhar sobre esse subconjunto proporcionaria uma análise mais completa, pois seria possível acompanhar o circuito dialógico de maneira sistemática uma vez que as cartas recebidas também estariam à disposição. É esse o caso das trocas com Francisco Iglésias, Hélio Pellegrino e João Etienne Filho, por exemplo. Sem contar o rico material que o mergulho no acervo de Paulo Mendes Campos possibilitaria. Correspondências fundamentais para as intenções deste trabalho que, por consequência de escolhas e mudanças de rumos metodológicos, pouco aparecem – quando não ficam inteiramente de fora – nesta tentativa de quadro geral daquilo que se pode saber e imaginar a respeito de Otto ao ler – e refletir sobre – o que ele escreveu a alguém ou as notícias que um terceiro lhe enviou.

2.3 Um editor e a ilusão

Curiosamente, a primeira peça levantada na abertura desse panorama não faz parte do acervo do IMS. O destinatário, Pedro Paulo Moreira, diretor da editora Itatiaia, lá aparece muito marginalmente com o envio de três cartas: janeiro de 1968, a apresentação do projeto “As sete cidades de ouro”, sobre as cidades históricas de Minas, e o convite para que Otto se encarregasse de texto a respeito de São João del Rei; junho

³⁵ A doação deu origem ao setor de literatura do IMS, que hoje é composto por arquivos pessoais de 25 autores, como Drummond, Clarice Lispector, Paulo Mendes Campos e Érico Veríssimo. A ligação de Otto com a entidade cultural criada pelo Unibanco vem de antes, desde o ano de sua fundação em 1990, quando se tornou membro do Conselho Consultivo.

de 1983, comentários sobre a crônica “Enfim, o culpado”³⁶, em que o autor rememora os jeitos e trejeitos de Augusto Frederico Schmidt; setembro de 1983, o envio de um livro à secretária de Otto.

A carta em questão foi enviada pelo autor ao editor em 2 de agosto de 1983. Acompanhava o texto da orelha da terceira edição de um livro seminal na seleção de mitos e totens literários do escritor.

É nisto que dá aceitar provocações. Recebi no fim de junho os originais de “A ilusão literária”. Imediatamente os li e reencontrei não apenas o excelente livro de Frieiro, mas também o ávido leitor que fui há tantos e tantos anos. Sentei-me à máquina para escrever a tal orelha e me veio uma inundação como essas de Santa Catarina. Fui mexer em casa de marimbondo. Dói, é bom, empaquei.

A carta é reproduzida integralmente na quarta-capa do livro lançado naquele mesmo ano. Acrescida de alguns parágrafos, a orelha foi replicada como crônica³⁷. Otto é taxativo em relação ao impacto que um exemplar da primeira edição do ensaio de Eduardo Frieiro causou no adolescente que “ardia na mais escaldante febre literária”. “Eduardo Frieiro foi o primeiro escritor e *A ilusão literária* foi o primeiro livro que me falaram pessoalmente, com afeição e intimidade, do veneno que me impregnava os poros e a alma”.

A nova edição vinha sendo preparada pelo próprio autor, que veio a falecer antes da conclusão do projeto aos 92 anos em março de 1982. Professor universitário e crítico, Frieiro foi também pioneiro de iniciativas editoriais. A primeira tiragem de quinhentos exemplares de *Alguma poesia*, estreia de Drummond em 1930, saiu sob o selo – imaginário, palavra do poeta – Edições Pindorama, criação do mineiro do pequeno município de Matias Barbosa. Os duzentos primeiros exemplares de *Brejo das almas*, segundo volume de poesias do itabirano, foram editados pela cooperativa Os Amigos do Livro em 1934, também ideia e obra de Frieiro.

É a mencionada cooperativa que viabiliza, em 1932, as esparsas cópias de *A ilusão literária*. O ensaio versa sobre o ofício e a arte de escrever em geral, à luz das

³⁶ *O Globo*, 19/06/1983. A crônica inicia com a lembrança de uma recepção oferecida a um economista possivelmente suíço – Otto não tem certeza – em que Schmidt clamara, como de costume, que a solução para o único problema do Brasil – a pobreza – era enriquecer. Na ocasião, a afirmação suscitara em Otto a recordação de uma frase do escritor francês Léon Bloy, “alma de fogo” e “maluco de pedra” que exaltava o pobre e pregava a mendicância. O texto termina com nova descida ao país e à irônica (ocioso dizer?) constatação: “Então me lembrei do Brasil. E descobri quem é o culpado de tudo: é o pobre. [...] Foram os pobres que fizeram nossa dívida externa. São os pobres que nos impedem de ser felizes. [...] São esses subversivos que atrapalham a nossa festa. Façamos um voto solene de riqueza”.

³⁷ “Santo Eduardo Frieiro”, *O Globo*, 28/08/1983.

circunstâncias locais afeitas ao modernismo brasileiro e às tentativas de afirmação de uma vida literária assim como de uma literatura com estilo e temas nacionais. A frase de abertura do primeiro capítulo marca o tom circunstancial: “Teimar em ser escritor numa terra em que as coisas literárias são tidas como nulas ou pouco menos que inexistentes é positivamente não ter bem conformada a razão”. Cinquenta anos depois, na terceira edição, a afirmação é devidamente emendada por uma advertência que lembra o leitor de que, “de então para cá”, a situação das letras no Brasil mudara muito.

Otto, leitor nada desinteressado que acompanhou essa mudança, nunca esquecera o primeiro contato com o livro aos 17 anos. A releitura aos 61 não vem sem a impressão de que o pessimismo das conclusões de Frieiro talvez devesse tê-lo aplacado como um “banho de água fria despejado na caldeira de meu furor grafômano”³⁸.

O efeito foi justamente o contrário. A leitura adolescente definiu-lhe “para sempre” a ilusão literária. Jovem, ele provavelmente não sabia o que era melhor ou pior. Velho, foi capaz de avaliar e recorrentemente afirmar que um tempo – uma versão de si mesmo – teria passado e que embarcara no verso da ilusão, na descrença da literatura. Entretanto, ainda sem a convicção para julgar – ou a coragem para sustentar que talvez preferisse a ilusão à desilusão –, descarta como irrelevante a eventual intenção de indagar se o leitor que fora continuaria a existir³⁹.

A atenção a duas passagens do livro exemplifica o tipo de reflexão que certamente foi ao encontro do iniciante nas letras e contribuiu para seu enredamento em crenças íntimas que não devem ser resumidas como corriqueiras paixões juvenis ou fases inerentes a qualquer um a caminho da idade adulta.

[...] não falta quem pense, talvez com razão, que a atividade literária na nossa terra a nada mais conduz que a um estéril diletantismo. Motivo por que diríamos ao nosso aprendiz de literato:

– Consagrar a vida a um ideal estético é colocar-se fora do nosso tempo e fora do quadro do nosso idioma. Engordar e morrer na abastança, eis a verdadeira finalidade de todo homem que, numa sociedade burguesa, deseja ser útil a si, aos seus e à pátria. Para que escrever, então?

Ao que ele poderia replicar:

– Para quê? Para nada. Mas justamente esse nada – a ilusão literária – é tudo para certa raça de imaginativos. [...] A esta raça livre e pródiga pertencem os

³⁸ Idem.

³⁹ Idem. “Eduardo Frieiro todavia não queria alimentar ilusões. Nem as suas, nem as alheias. Mas creio que entendi desde o primeiro momento o ceticismo e a sabedoria à João Ribeiro com que ele me convidava a refletir sobre o que de fato era a sua, a nossa paixão. *A ilusão literária* foi por isto mais do que um livro: foi um amigo – e confidente – que me tomou pela mão e me fez ouvir o que eu precisava ouvir. [...] O leitor de hoje pode perguntar se o leitor que fui há tantos anos continua a existir. A pergunta seria irrelevante. O que importa é verificar que *A ilusão literária* continua o mesmo livro de encantos e ensinamentos”.

preferem a fantasia à realidade e acham que a vida vale a pena ser... escrita. Uns veem na reputação de escritor a máxima ambição da existência; outros encontram na leitura o mais sutil dos entorpecentes, a morfina que provoca os sonhos mais belos [...].

Eis o que poderia responder-nos o nosso candidato a escritor.
E dar-lhe-íamos razão. (FRIEIRO1983, p. 9)

Na realidade, a arte nasce quase sempre duma dissonância entre o artista e a vida. Todo artista, todo poeta, todo sonhador é um falhado; falhado diante da vida prática, bem entendido. Falhado, sim; mas nem por isso trocaria qualquer deles a sua existência às vezes dolorosa de inadaptado pela do homem mais contente de si mesmo. Há em todos o mesmo desdém e a mesma repugnância de Flaubert pela *horde qui pense bassement*. (ibidem, pp. 12-13)

A exaltação de uma condição “falhada” – outra versão do *gauchisme* de Drummond –, e por isso mesmo exitosa, encontrou ressonância na voz íntima de Otto. Um tipo de descoberta verificável em qualquer jovem artista ou homem de letras. Acontecimento formador que acomete muitos, mas sempre de uma maneira específica, a partir de um enquadramento próprio a cada geração e de um agente de mitos – aquele que o perpetua, passa-o adiante, mesmo que à revelia – a cada aspirante.

A escolha por destacar a comunicação com o editor Pedro Paulo Moreira é justificada por dois motivos. Em primeiro lugar, porque exemplifica um lado de Otto como autor/avalista de encomenda, alguém que é convidado a assinar orelhas e prefácios em virtude de sua reputação e da lucidez com que muitas vezes exerce o papel de referência para a geração. Em segundo lugar, pela centralidade de Frieiro no agenciamento de mitos constitutivos do autor de *Boca do inferno*, que, por sua vez, os oferece aos que o sucedem, fazendo votos para que “os jovens que ainda alimentam o gosto excêntrico das letras descubram *A ilusão literária* e se descubram a si mesmos na companhia desse mestre inesquecível que é Eduardo Frieiro⁴⁰”. O caráter totêmico do ensaio o apanhara de maneira tão penetrante a ponto de impeli-lo a pedir ao editor que recebesse de presente os originais do livro. Pedido atendido, conforme “N. da E.” logo abaixo da carta.

2.4 Cartas pela República

O lugar que a história reservou a Sobral Pinto é o de um exemplo de civismo e de incansável movimentação a favor das causas pátrias motivada pela límpida convicção que o impulsionava como um tribuno em defesa da democracia e da

⁴⁰ Idem.

igualdade de direitos, ainda que, em certos momentos, se fizesse acompanhar do conservadorismo de costumes caro a seu arraigado catolicismo. Sua sonora participação na campanha das Diretas Já talvez tenha sido a mais marcante dentre as últimas de uma extensa série de intervenções públicas.

Otto contribui para a fixação da imagem de cidadão alerta e infatigável com um longo artigo publicado em janeiro de 1976. O título é uma espécie de síntese do fim que motivava o advogado com o meio pelo qual preferia se fazer ouvir. “A magna carta brasileira”⁴¹: o instrumento epistolar a serviço da República. “Epistolarmente”, Sobral “funda uma nação. Pela força moral, pela encarniçada obstinação dos princípios, ele ergue, como Platão, a sua República. Será, por ora, uma República de cartas. De cartas verdadeiras, singelamente verdadeiras, respeitosas, francas, em voz alta. Mas é uma República. Epistolar”.

O jornalista escrevia com conhecimento de causa. Fora o destinatário de muitas missivas de Sobral. Algumas inflamadas, outras portadoras de elogios modestos ou de pedidos para que Otto se apresentasse como elo em mais uma de suas cadeias cívicas. Dentre as 26 cartas do advogado encontradas no acervo do IMS, 19 delas datam do período entre 1978 e 1983, quando Otto, profissionalmente, tinha como principais ocupações os assuntos de gabinete da TV e os longos artigos do jornal *O Globo*. Não raro, os últimos ensejavam comentários de seus correspondentes.

É um artigo⁴² sobre Eugênio Gudin que motiva Sobral a escrever-lhe em setembro de 1978. Dando notícia do lançamento de uma coletânea de textos do economista, Otto ressalta a clareza de um estilo de escrita que acentuaria “a densidade do que lhe [a Gudin] ocorre dizer”. Distinguindo-o como “uma espécie de patriarca da Economia” entre os brasileiros, epíteto “justamente” atribuído, Otto define-o como “basicamente um conservador” formado à sombra da República Velha. Sem se apressar na declaração de endosso às suas ideias para as soluções dos problemas econômicos do país, Otto faz uso dos costumeiros argumentos que afirmam parcimoniosamente: “Independente do acerto das teses ou das opiniões que sustenta, sua palavra, e mais que a palavra, seu timbre pessoal, enriquece a controvérsia e contribui para animar um debate que nem sempre consegue ser dos mais estimulantes”.

⁴¹ *O Globo*, 27/01/1976.

⁴² “Quanto custa ser brasileiro”, *O Globo*, 10/09/1978.

Acima de tudo, os maiores méritos de Gudin estariam em sua capacidade de manifestar de maneira clara e eloquente suas posições. Uma limpidez de raciocínio que, ocasionalmente, daria vazão a “julgamentos severíssimos, de um rigor moral calvinista” a respeito de homens públicos e a alegações como a de que o país careceria profundamente de “senso comum”. Segundo a leitura de Otto, o diagnóstico de escassez de progresso e desenvolvimento por estas terras teria fundamento na falta de capacidade, na ausência “de caráter, de inteligência e da cultura dos homens que governam”. Logo, a noção de senso comum relevante nessa argumentação deve ser aquela sinônima da ideia de opinião pública, da massa crítica atingida dentro de um ambiente propício ao debate e à divergência que permite consensos e dissensos organizados. Cenário ainda pouco representativo de um país que, em 1978, embora desse sinais de distensão e de gradual admissão de uma democracia relativa, ainda padecia gravemente de uma cultura política e de um quadro institucional marcados pela arbitrariedade e pela negação a princípios básicos como pleno direito a representação direta.

Na carta⁴³ em que tece considerações sobre o artigo, Sobral concorda a respeito da argúcia de Gudin, mas acredita que suas teses sobre economia e finanças não poderiam ser aplicadas de maneira eficaz à realidade nacional. Otto não discorre sobre as propostas daquele tido como o mais importante economista conservador brasileiro dos anos 1930-1964 e líder teórico da corrente do pensamento neoliberal do país (BIELSCHOWSKI, 2001, p. 92). No entanto, como em debate aberto, apoia-se em uma de suas afirmações para expressar o ponto central de seu argumento na página 2 d’*O Globo*:

[...] é forçoso concluir que entre nós cultura, inteligência e caráter não estão sobrando. Estou pronto a concordar com isso, ainda que não me deem provas matemáticas, dessas que se fazem em calculadoras de bolso [...] O que me custa entender, porém, é que um país assim, de esmagadora maioria de néscios e débeis mentais, seja entregue a compatriotas nossos, com a redobrada missão de governá-lo por padrões civilizados, ao nível, por exemplo, da Suécia, de Israel ou do Japão, três nações onde os recursos humanos são sabidamente de alto gabarito. Já que não é praticável executar a sugestão de contratar um comitê de magistrados ingleses para governar-nos, pergunto-me se o melhor não seria mesmo deixar-nos viver, isto é deixar-nos errar um pouco, deixar o povo falar e participar até aprender; libertar-nos da tutela de um arbítrio que nos menoriza civicamente e não dá jeito neste gigante cada vez menos verde e cada vez mais amarelo.

⁴³ Carta, 19/09/1978, Acervo IMS.

Mesmo reconhecendo o atraso a que o país fora submetido sob o mando militar, Sobral Pinto desaprova o pessimismo que o artigo lhe transmite. É patente o retrato desalentador das observações de Otto, que se acentua com a menção à indigência dos “16 milhões de menores abandonados” anunciados pela revista norte-americana *Time*⁴⁴ e às “dolorosas verdades” sobre as massas miseráveis apresentadas por Darcy Ribeiro em *O dilema da América Latina* (Ed. Vozes, 1978). Todavia, há de se qualificar o pessimismo que o advogado indica a fim de dar continuidade à análise de Otto no estágio da vida em que sua vocação de homem de letras alcança, possivelmente, o ponto máximo de visibilidade e deferência no exercício do articulismo político.

De início, é interessante investigar as nuances de seu pessimismo em contraposição àquele associado ao ideário que a figura de Eugênio Gudín representava. A avaliação de que o país seria incapaz em razão da inépcia de sua população tem fundamento no liberalismo de corte culturalista. O atraso brasileiro teria origem no legado de ideias e práticas de matriz ibérica que precisaria ser removido em nome de um arranjo inspirado, principalmente, na experiência norte-americana de federalismo, constitucionalismo e programa político-institucional favorável ao livre desenvolvimento do mercado (TEIXEIRA, 2015, p.58).

É possível argumentar que o liberalismo ortodoxo de Gudín, aquele que Sobral julgava inadequado como programação econômica para o Brasil naquele momento, encerrava um pessimismo muito próximo da crença em uma negação do país, cuja inviabilidade viria de sua própria constituição. Daí um cenário composto por incapazes.

Otto foi vítima da consciência em relação à própria ambiguidade política. Sua presunção quanto à “mortalidade de tudo” foi associada ao cinismo, à falta de escrúpulos e – condenação quase inexorável – à sua origem mineira (MEDEIROS, op.cit., p.17). Entretanto, sua tendência à indefinição, ou cautela no que diz respeito a julgamentos assertivos, não se sobrepôs à revelação de suas posições. Reiteradas vezes, em artigos de opinião marcadamente política, deu vazão ao que pensava. Por meio do estilo sopesado, que respondia a uma convicção íntima, colocou-se à sua maneira:

Decerto houve jornalistas, escritores e políticos que se definiram melhor do que ele, e de forma às vezes espalhafatosa, em relação a muita coisa. Mas houve também os que, levemente, viraram a casaca ao sabor de novos acontecimentos, se desdisseram, perderam-se. Os textos e a própria vida de Otto refletem, ao contrário, uma personalidade firme e coesa em relação aos princípios de que nunca abriu mão. (Idem)

⁴⁴ Edição de 11/09/1978. O artigo “Brazil’s Wasted Generation” destaca 16 milhões de menores abandonados, apesar do avanço econômico.

O quadrante final da década de 1970 é a época em que o articulista se pronuncia pelo restabelecimento do Estado de direito através da tática da exposição das mazelas sociais. O comentário sobre uma leitura recente ou relato de impressões em relação a um homem público ensejavam conclusões taxativas como a que sela as observações iniciadas a propósito de Gudin. A aparente concordância sobre um país incapaz pode ser compreendida mais como elemento de retórica a serviço de um protesto à sua medida. Seu pessimismo não traz consigo o lastro que o pensamento de Gudin sugere. Em seguida à referência ao ensaio de Darcy Ribeiro, chega ao término de seu argumento, sem autodeclaração ideológica, mas pleno de firmeza política:

Noutro polo ideológico, o dr. Gudin não está animado, nem otimista. Enquanto se amplia a controvérsia, cresce a legião de deserdados que não têm o que comer. Sinceramente, ou mudamos de endereço ou mudamos de povo. O que de todo parece insuficiente e ocioso é apelar para novo ato institucional, com um cacho de providências casuísticas que nos distraiam dessa vexatória miséria, que se tem mostrado insensível aos poderes cassatórios do Júpiter brasileiro. A Revolução não sei se é, mas a miséria está visto que é permanente. E não pode ser presa, banida ou debelada pela Lei de Segurança Nacional. Valha-nos Deus.

Sobral certamente agiu como agente perturbador das convicções de Otto. Se não das convicções, das escolhas a que se via submetido como articulista e como colaborador do principal grupo de comunicação do país. Às suas cartas anexava outras com o pedido de que Otto as fizesse chegar a Roberto Marinho. Contava com o “prestígio necessário” do jornalista para que suas causas ganhassem amplidão. Causas que iam do interesse paroquial em defesa da PUC do Rio de Janeiro, que, segundo Sobral vinha sendo alvo de uma “campanha de destruição infinita”, ao chamamento para que o jornalista em seu espaço no jornal abrisse uma frente pelo funcionamento do Conselho de Defesa dos Diretos da Pessoa Humana, criado em março de 1964 por iniciativa de Bilac Pinto, deputado pela UDN de Minas Gerais.

Após morosa tramitação desde 1956, quando fora idealizado como projeto de lei, o órgão foi sancionado por João Goulart a poucos dias do golpe civil-militar que instituiu o regime que, gradativamente, passaria a atentar contra a principal atribuição da iniciativa – “defender com eficácia todo e qualquer direito da pessoa humana, que viesse a ser violado por abuso de autoridades”, na síntese de Sobral Pinto apresentada na Conferência Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil, realizada em maio de 1980. Entretanto, o Conselho permaneceu como “letra morta” no governo Castelo Branco. Nem Milton Campos, parlamentar ativo nos debates do projeto de lei e ministro

da Justiça no primeiro ano de governo militar, e Bilac Pinto, presidente da Câmara dos Deputados em 1965, teriam conseguido reunir “força nem prestígio” necessários para instalá-lo. Apenas no governo Costa e Silva, sob reclamações da OAB, seria de fato aplicado.

Em virtude de contradições óbvias, o órgão administrativo mostrou-se de efetividade quase nula uma vez que, Sobral historia, “a maioria de seus membros, submissa aos interesses da ditadura militar que passara a governar a Nação, não permitiu, nunca, que exercesse as suas atribuições” (PINTO, 1980). Apesar da elaboração institucional bem-acabada, não funcionava nos momentos em se mostrava mais necessário⁴⁵.

Em cartas de 18 e 26 de junho de 1980, Otto é chamado a participar da campanha de Sobral. Ao revelar que pedira o mesmo a Barbosa Lima Sobrinho e Alceu Amoroso Lima, o advogado o faz compartilhar o patamar de figuras que faziam de suas colunas do *Jornal do Brasil* tribunas de importante pregação democrática. Além de caixas de ressonância, os articulistas poderiam emprestar a respeitabilidade e o prestígio de que dispunham à sua causa⁴⁶.

Em novembro daquele ano, Otto responde aos apelos do advogado. A propósito da parca lembrança coletiva a respeito da data de criação do Conselho em detrimento de outras daquele tumultuado março de 1964, faz o elogio de Sobral e de sua tática epistolográfica:

Eu disse aí atrás que ninguém se lembra do dia 16 de março de 1964. Minto e, como diria meu amigo Antonio Houaiss, di-lo-ei por quê; porque dessa data não se esquece, dia a dia, hora a hora, o doutor Heráclito Fontoura Sobral Pinto. [...]

⁴⁵ “Falando de Bilac Pinto”, coluna de Carlos Castello Branco, *Jornal do Brasil*, 20/11/1973. O breve relato da atividade política e legislativa do deputado, que em 1969 seria nomeado para o Supremo Tribunal Federal, merece citação como evidência das ambiguidades inerentes à cultura política brasileira e os dilemas, sabotagens e autossabotagens enfrentados pelos agentes de nossos marcos institucionais: “O deputado mineiro tem o hábito do estudo e examina cada problema em si, definindo posições nítidas nas quais se fixa até prova em contrário. Ele considerou um achado o Ato Institucional nº1, para cujo preparo iniciara a aproximação do seu colega Medeiros [Carlos Medeiros Silva, ministro do STF] com o marechal-presidente, entendeu o Ato nº 2 como a marcha para implantar no Brasil uma solução política de tipo mexicano, que julgava então útil e inevitável. Já o Ato nº 5 lhe terá despertado outras cordas de sensibilidade política. Da sua intensa atividade legislativa resultaram algumas leis, fruto de convicções profundas, mas que não tiveram eficácia. Uma delas é a que pune crimes de enriquecimento ilícito praticado por administradores, que não consta tenha sido jamais aplicada. Outra, é a lei de defesa dos Direitos da Pessoa Humana, um instrumento engenhoso, mas óbvio – funciona quando não é preciso e deixa de funcionar quando se torna necessário”. (CASTELLO BRANCO, op.cit. p. 32)

⁴⁶ A Sobral não escapou outro tipo de identificação em relação ao lugar ocupado por Otto. Em carta de janeiro de 1982, suas observações apontarão para a “importância” que “privilégios, motoristas e portadores” imputavam à sua posição na Globo.

Sobral Pinto não só não se esquece do dia [...], como também não se esquece de outras tantas datas e feitos. [...] Mas não é uma lembrança que se compraz de viver no passado. Muito pelo contrário. Sobral é um incandescente sinete, um ferro em brasa, que só recorda o que já foi, o que passou, para tentar melhorar o aqui e o agora, o presente e o futuro. E aí está por que, incansável, escreve cartas e mais cartas. Ainda que não seja estafeta e tampouco espione a correspondência do doutor Sobral, sei que há poucos meses ele escreveu três cartas: uma, de 16 de junho, foi dirigida a Barbosa Lima Sobrinho; outra, de 17 de junho, a Alceu Amoroso Lima, seu amigo de toda a vida; e uma terceira, de 18 de junho, a mim, que me vanglorio de não deixar carta sem resposta. Pois ao que sei nenhum dos três destinatários do Sobral lhe demos resposta ou satisfação.⁴⁷

Em seguida, resume o teor do pronunciamento do jurista à plateia da OAB, contextualizando origem e rumos do Conselho. A caminho da conclusão, adotando a técnica de enfatizar as ações e convicções do outro, aparente objeto do artigo, dá conta das suas por meio do pessimismo habitual, de enquadramento peculiar a respeito da pátria e símbolos nacionais.

O doutor Sobral Pinto é uma espécie de *ombudsman* brasileiro; ele ora e vigia. [...] Uma luz, porém, está permanentemente acesa em nossa treva jurídica, por obra e graça desse incansável advogado do Brasil que é doutor Sobral [...] Por isto ele se bate [...] para que, pelo amor de Deus, façam funcionar o Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana. Desgraçadamente, o muro anda baixo. Temo que um dia mudem o nome de Brasil para Baixada Fluminense, tendo por bandeira o trapo e as caveiras cruzadas do Esquadrão da Morte. Figueiredo, *ora pro nobis!* Ora e age, antes que seja tarde!

2.5 Minas, sempre e à revelia

Uma rápida referência à celebre frase imputada a Otto por Nelson Rodrigues abrirá o caminho para um tema incontornável. Em 6 de dezembro de 1967, o arquiteto Sylvio de Vasconcellos de certa forma parafraseia o raciocínio de Edgard em *Bonitinha, mas ordinária* ao enviar a Lisboa a impressão de que nem no câncer a solidariedade se faz presente, “só quando rende” ela existiria. Acrescenta que guarda “a esperança de coisas mais sérias” da lavra de Otto cuja “dinâmica” prejudicava maior dedicação à literatura. E tece comentários sobre a aproximação entre o “mobilismo português” e o mobilismo mineiro”, parte de seu objeto de estudo – a mineiridade.

A repetição da frase e a atribuição recorrente durante a peça certamente desagradaram Otto. Preocupava-se com a repercussão que poderia encontrar entre os conterrâneos, temia que o considerassem um mau mineiro, um traidor de Minas, onde

⁴⁷ “A luz de uma consciência”, *O Globo*, 05/10/1982.

ninguém ia entender, teria dito o amigo Tancredo Neves (MEDEIROS, op.cit., p. 92). A frase poderia torná-lo tanto um traidor de Minas Gerais quanto um traidor da mineiridade.

A causa, a teoria, o mito da mineiridade é objeto já bastante explorado nas ciências sociais. Considerações a respeito da alma do povo mineiro são quase sempre incontornáveis quando um filho da terra é tema de estudo. A impressão que fica é a de que todo mineiro é, antes de tudo, mineiro. Obviamente, as análises mais ponderadas e menos apaixonadas relativizam essa condição, mas muitas vezes não a veem como um fator de nula importância. Nesses casos, um conjunto de atribuições, de características do jeito mineiro de ser, surge não como elemento intrínseco que determina a ação e os sentimentos dos que nascem em Minas, mas como uma tradição ou uma reunião de valores que agregam indivíduos em um grupo cuja identidade é reforçada em contextos específicos na medida em que podem oferecer vantagens a seus membros. A ideia de vantagens não deve ser entendida aqui como ganhos objetivos e calculados, mas como a imagem que se associa ao mineiro e o distingue no imaginário de identidades regionais e culturais brasileiras.

A mineirade, por outro lado, é um conceito muito mais difuso nesse sentido uma vez que se sustenta em uma série de qualidades e atribuições morais que buscam dar forma ao tipo mineiro. No entanto, é possível delinear um contexto em que a configuração de uma alma mineira nesses moldes ganha ressonância e significado em um cenário mais amplo da vida nacional.

Ao abordar a tese da mineiridade, Helena Bomeny a relaciona a três momentos de importante transformação social e política. A Proclamação da República, a criação da cidade de Belo Horizonte e a geração modernista mineira sugerem diferentes perspectivas sobre a utilização e reinvenção da mineiridade.

Com o ciclo do café, ao longo do século XIX, São Paulo afirma-se como a principal força dinamizadora da economia brasileira e Minas, no decorrer das primeiras décadas da República Velha, vê consolidado um cenário de pouca influência econômica. Todavia, apesar do divisionismo e das disputas entre as forças locais, as lideranças em torno do Partido Republicano Mineiro fazem uso de sua importância no jogo político do país e conseguem imprimir uma imagem de relativa unidade fundamentada na adesão mineira ao ideário republicano (MARQUES 2011, p. 31). Aqui temos uma associação da identidade mineira à própria noção de república, operação que

seria ainda mais aprofundada com a articulação da Inconfidência Mineira à gênese do ideal republicano no Brasil.

Um artífice de destaque na tarefa de coordenar uma unidade em Minas foi o engenheiro positivista João Pinheiro, presidente do Estado em 1890 e entre 1906 e 1908. Partidário de um programa de modernização de matriz ideológica liberal, Pinheiro foi um entusiasta da construção da nova capital e ressaltava o “sentimento republicano” e o “senso grave da ordem” do povo mineiro (Ibidem). A fundação de Belo Horizonte foi um episódio aglutinador dos ideais de modernização e democracia que não deixavam de estar vinculados à projeção da identidade mineira.

Belo Horizonte foi a primeira cidade brasileira de traçado regular. A capital nasce dentro do marco da modernidade, mas experimenta a novidade apoiada em uma ambivalência moderno-provinciana fruto da tradição urbana em Minas que mantém os laços oligárquicos ordenadores da vida no interior. Nesse ambiente surge um grupo de escritores e jornalistas cujo programa de ação pretende ir além da literatura e além de Minas. A primeira geração modernista mineira, que tem seu luminar na figura de Carlos Drummond de Andrade, trabalhou o desafio de valorizar a experiência interna, a dimensão local e regional, fortalecendo um sentido de identidade que busca distanciar-se conscientemente do provincianismo (BOMENY, 1994, p.97). Um sentido que integra o local ao mesmo tempo em que questiona e contribui para o debate da identidade brasileira como um todo.

O diálogo entre Drummond e Mário de Andrade traz luz à tensão regional/nacional, que também permite uma leitura por meio dos binômios moderno/provinciano, Minas/Brasil. Mário representa o modelo do intelectual socializante em oposição ao espírito “encaramujado” que aponta nos escritores mineiros aos quais faltaria certa “mocidade brasileira”. Drummond é levado a posicionar-se – ou trabalhar em direção a um posicionamento – na problematização proposta por Mário dentro da dinâmica entre pertencimento e distanciamento, nacionalismo e universalismo. O paulista advogava que o mineiro experimentasse sua mineiridade de maneira plena como a saída moderna para o equilíbrio dessas tensões.

Vinte anos depois, após os encontros proporcionados pelo I Congresso de Escritores, em 1944, é a Otto que Mário escreve com a defesa da mocidade.

Onde eu queria chegar neste parágrafo era louvar o grupo que vocês fazem, pela força de cada um, pela diferença de cada um, pelo exercício da amizade que soube escolher sem por isso depender de nenhum estreito “espírito de grupo”. É preciso o espírito de grupo, isso é um bem grande, uma felicidade,

um exercício digníssimo de vida humana, uma grave modéstia, e um conforto sempre. E como eu invejo isso em vocês!⁴⁸

Talvez não tivesse encontrado o “encaramujamento” na nova geração, e é possível supor que as recomendações feitas ao grupo de Otto carregassem o acúmulo do debate travado com Drummond, o que permite uma aproximação entre as ideias de mineiridade reivindicada nos anos 20 e mocidade celebrada nos 40.

Os dilemas suscitados por Mário acompanharão Drummond em sua ida para o Rio de Janeiro e serão redimensionados diante de um ambiente que o impelirá ainda mais à confrontação com a tarefa de pensar os destinos do projeto moderno para a cultura e identidade brasileiras. A política marcará decisivamente o enfretamento desse desafio estando o poeta agora integrado às forças vencedoras da Revolução de 30. No cargo de chefe de gabinete, fará parte do momento fundador das políticas brasileiras para a cultura e educação que representou a passagem do mineiro Gustavo Capanema pelo Ministério da Educação e Saúde.

No que se refere à tese da mineiridade, o Ministério Capanema contribuiu para a aproximação identidade mineira/identidade nacional, principalmente, por meio da atuação de Rodrigo Melo Franco de Andrade e da criação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, que projetou o passado mineiro, materializado no conjunto urbano do ciclo do ouro, como elo estruturante da cultura brasileira. A consagração das construções do barraco e do estilo arquitetônico mineiro como patrimônio nacional pode ser entendida como uma tradução institucionalizada da mineiridade. Outra tradução, mais pertinente à exposição de ideias aqui proposta, diz respeito ao temperamento, às qualidades morais, à alma mineira.

A definição de uma mineiridade clássica tem como referência o livro *Voz de Minas*, de Alceu Amoroso Lima. Nascido no Rio de Janeiro, o crítico literário e líder católico foi um dos muitos intelectuais não mineiros que trabalharam para a difusão do mito da mineiridade, aproximando-a de sua forma caricatural e estereotipada. Forma que se sedimentou no imaginário acerca do caráter mineiro e se expressa nos lugares-comuns e reiteraões praticadas correntemente. Alceu vê no mineiro “mais o espírito do eterno do que o do moderno” (LIMA [1944] 2000) alguém que desconfia das mudanças apelando para o clássico e para a tradição como anteparos à fluidez da modernidade. Essa categorização dos atributos mineiros pode ser compreendida como uma louvação,

⁴⁸ “De Mário para Otto”, carta de 24/09/1944 reproduzida na revista *serrote*, nº 1, 2009, pp. 215-221.

uma peça de pregação ideológica, que reflete o próprio conservadorismo de Alceu, eletrizado por sua conversão ao catolicismo, segundo Ivan Marques⁴⁹. No entanto, partilha da mesma ética da prudência, da conciliação, de uma racionalidade que seria típica ao mineiro.

Certamente, os homens públicos de Minas são os que mais se serviram dos dividendos dessa ética. A memória política mineira apoia-se na cultura do equilíbrio e na aposta da capacidade de suas lideranças equalizarem diferenças, um trunfo de raro valor nos exercícios sobressaltados da democracia brasileira ao longo do século XX. A perenidade da imagem do espírito conciliador é verificada sob as mais variadas formas em anedotas, canções, ensaios, para citar algumas das manifestações que ecoam essa suposta peculiaridade mineira. É provável que um estudo do repertório de charges sobre o tema reunisse uma série exemplos nesse sentido. Temos um deles na ilustração do humorista carioca Millôr Fernandes: um homem e uma mulher da mesma estatura discutem; acima do homem, um balão de diálogo preenchido de amarelo, acima da mulher, um balão preenchido de azul; no meio, apartando os dois, um homem bem mais baixo sobre o qual se encontra um balão preenchido de verde. O título do desenho: “Mineiro”.

O livro de Alceu Amoroso Lima é também de 1944, ano em que Mário faz o batismo da segunda geração mineira. Uma obra publicada 24 anos depois nos reaproxima de Otto Lara Resende. Em 1968, Sylvio de Vasconcellos publicou *Mineiridade – Ensaio de caracterização*, pela Imprensa Oficial de Minas Gerais. Como o título evidencia, trata-se de uma tentativa de destacar os aspectos constitutivos do tipo mineiro e de sua região, circunscrita pelo autor a uma área “contida nos precisos limites da ocupação humana condicionada pelo ouro, não ampliada às fronteiras do território que se chamou Minas Gerais” (VASCONCELLOS1968, p. 15). É curioso observar que a invenção do termo “mineiridade” é atribuída ao autor no prefácio de Afonso Arinos de Melo Franco. Este, também mineiro, que elogia o arquiteto por meio das reiterações da mineiridade. De uma forma “bem mineira”, Sylvio “revela encobrimdo, proclama disfarçando, explica esbatendo e confundindo”(Idem, p.12).

Em carta de 23 de janeiro de 1976, o arquiteto fala da mineiridade que acredita ter enxergado nos contos de *As pompas do mundo*. Ressalta o “linguajar das Minas”, a mineiridade no “límpido, claro”, na “contenção emocional, enfaticamente elegante e

⁴⁹ Ivan Marques, op. cit., p.35.

discreta”. Com base em uma distinção entre os mineiros das Minas e os das Gerais, Otto faria parte do primeiro grupo, no qual também estariam Tomás Antonio Gonzaga e Aleijadinho, por exemplo, representantes de um tipo de mineiridade cuja força ecoaria nas criações dos cariocas Machado de Assis e Oscar Niemeyer, em mais um esforço de aproximar aquilo que seria a essência do espírito artístico brasileiro em sua melhor forma das características supostamente inerentes aos mineiros. No outro grupo, figuraria Guimarães Rosa, portador do estilo “popular” das Gerais, diferente do “erudito” e “refinado” das Minas. Guimarães Rosa “poderia ser baiano”, Otto não. Esta seria uma clivagem perceptível tanto nas artes quanto na política. O urbano e rural, o progresso e o atraso, o universal e o regional, as contradições da mineiridade poderiam ser exploradas dessa forma.

Não se pode dizer que Otto partilhava convictamente dessa “consciência de mineiridade” e que dela fosse um disseminador bairrista. À maneira de outros tantos conterrâneos, reproduziu as repetidas descrições dicotômicas da alma mineira. Por outro lado, a ironia e o distanciamento presentes em diversas declarações atestam sua ambivalência em relação ao assunto. A título de exemplo, mais algumas manifestações “mineiras” do escritor⁵⁰:

O fato de Minas produzir muito escritor e muito banqueiro tem certamente a mesma explicação pela ecologia e pela sociologia. Mineiro é o povo que se deixa cortar o próprio pescoço para não pagar imposto, porque não acredita no Estado. A própria formação de Minas, com aquelas levadas de aventureiros de diferentes etnias que procuravam vender pastéis e miçangas aos arruinados do ouro, determinou uma economia de reflexos fechados, à base do pé-de-meia individual.

A tocaia é a grande contribuição de Minas à cultura nacional.

Devo ter sido o único mineiro que deixou de ser diretor de banco⁵¹.

O mineiro seria um cara que não dá passo em falso, é cauteloso. Em Minas Gerais não se diz cautela, se diz *pré-cautlela*...

Minas está onde sempre esteve.

O tema não se encerra neste capítulo. Voltará em breve, na análise das primeiras cartas trocadas entre Otto e Fernando Sabino. Até aqui as cartas apareceram

⁵⁰ As declarações a seguir são citadas por Benício Medeiros (op. cit). A primeira nas páginas 31-32 e as demais em uma seleção intitulada “As 50 melhores frases de Otto Lara Resende”, páginas 137-141.

⁵¹ De dezembro de 1963 a abril de 1964, Otto exerceu cargo na diretoria do Banco Mineiro da Produção – futuro Banco do Estado de Minas Gerais –, a convite do governador Magalhães Pinto.

mais como fonte do que objeto. Dessa forma buscou-se assinalar e aprofundar aspectos centrais na faceta pública do homem de letras Otto Lara Resende.

A carta enviada ao editor Pedro Paulo Moreira ao mesmo tempo em que ensejou o comentário a respeito da importância de Eduardo Frieiro em sua formação, revelou a referencialidade de Otto para sua geração. As cartas de Sobral Pinto desvelaram o articulista político que participou do debate em defesa da restituição das liberdades democráticas. O recurso à correspondência com Sylvio de Vasconcellos permitiu a abordagem inicial da mineiridade em Otto, caminho incontornável a quem se debruça sobre “o mais mineiro dos mineiros”, título inapropriado, pois exagerado e limitador, mas ainda assim pertinente.

3 OTTO E FERNANDO: CIRCUITO ÍNTIMO E COMUM

3.1 Voz de Minas e vozes próprias

Fernando, Otto e Vinícius de Moraes haviam decidido declarar-se publicamente contra a ideia do mineiro recatado e fechado em si mesmo, clamando por uma postura menos omissa dos escritores de Minas em temas de ordem política e social. Vinícius teria lido alguns contos de Otto e os considerado de escrita rebuscada, mas reveladores de uma alma “distorcida e angustiada”⁵². Cada um escreveria uma espécie de chamado, manifestos pedindo a prontidão dos autores mineiros.

Vinícius e Fernando cumpriram o trato. A “Carta contra os escritores mineiros – por muito amar” do carioca teve grande repercussão. Incitava os mineiros: “A alma que tantas vezes vos fervilha, vós a prendeis num corpo por demais estático [...] Por que só olhais o mundo das janelas de vossas casas ou de vossos escritórios? Precisais de água, a água do mar, a água da mulher, a água da criação. Temeis errar: errai. Temeis mostrar a vossa nudez: desnudai-vos [...] Porque economizais e para quê: para comprar o vosso túmulo?”⁵³.

Fernando secundou em tom semelhante no artigo “O escritor mineiro e a falsa noção de limites”. Otto não seguiu o combinado e foi alvo de reprimendas. Em cartas trocadas em dezembro de 1944, os dois apresentam queixas e posições veementes. Fernando traz à tona uma carta do amigo para o “Dr. Alceu” – um dos divulgadores dessa mineiridade cândida e estática –, em que Otto questiona as posições do líder católico a respeito de Minas, mas de uma maneira que Fernando considera capciosa e ainda moldada pela cautela, contenção e rodeios que suscitara a investida arquitetada contra um modo de ser mineiro eminentemente conservador:

Você fala, depois desfala. Você antes de ele responder já estava com medo dele te arrasar. Você prova no duro que o vermelho é vermelho e não amarelo, mas diante da autoridade do Dr. Alceu acaba admitindo que é um vermelho amarelado. Por que esse respeito todo, esse medo de ofender o Dr. Alceu? E afinal por que o Dr. Alceu? Você deve alguma satisfação a ele? Ele tem lá necessidades de saber o que você pensa dos mineiros e esconde deles? Por que só ele e eu podemos ficar sabendo sua opinião? Por acaso somos melhores do que os outros? Ou você nos deve alguma satisfação? Não se trata de satisfação, Otto, trata-se de ter coragem de se afirmar: eu sou. Você aí diz uma coisa para mim, e para o Dr. Alceu diz outra. Não está certo.

⁵² “Bafafã à mineira”, crônica de Humberto Werneck publicada em 09/01/2014 no *Estado de S.Paulo*.

⁵³ Apud Humberto Werneck, op.cit.

Afinal você tem culpa no cartório: na nossa conversa com o Vinícius, você foi o primeiro a reconhecer os nossos erros mineiros e se dispôs a corrigi-los. Continua reconhecendo, continua disposto, mas só cá entre nós. Medo de ofender. Preguiça de escrever. Tédio do trabalho e da chateação que o assunto ia render. (SABINO 2002, pp. 35-36)

Fernando fala como se estivesse em uma posição que o habilitasse a cobrar tal postura de Otto, não somente em virtude da intimidade entre amigos que permitia esse nível de exigência, mas também porque, naquele momento, já considerava ter rompido o vínculo com essa mineiridade negativa.

Altivo, Otto responde:

Nesta chatíssima questão de Minas, você me coloca como o sujeito tipicamente sem caráter, que não quer perder os partidos, que quer navegar nas duas margens. Você me pergunta por que escrevi ao Tristão. Porque achei que devia e estou certo que devia mesmo, por nada mais. Eu não vejo nenhuma atitude de subserviência na carta. Você aí vê demais, porque você quer me ver como você me imagina: aquele farrapo de fraquezas e conciliações, aquela miséria bem procedida que não quer ofender... Coitado do Otto! Um sujeito de certo talento, mas perdido, sufocado, abafado, emaranhado naquela falta de caráter, incapaz de atitudes claras e corajosas, como nós! (RESENDE, 2011, p.23)

A reação altiva dá sentido às cobranças de Fernando. Ao defender-se, Otto revela as engrenagens não de um caráter ausente, mas de um caráter sensível, em permanente questionamento de si, parte do processo de “objetivação da alma”. Uma subjetividade se evidencia na abertura e na franqueza com o outro. De altivo a irônico, Otto continua:

Você agora é o homem das atitudes claríssimas, só se compreende a você, só aceita a você mesmo, você é a verdade, ide a vós os transviados: que maravilha! Belo caminho aberto à incompreensão, à intolerância, ao narcisismo de bazar chinês... Me desculpe, eu é que estou com a minha falta de caráter, sujamente querendo aceitar todo mundo, compreender todo mundo, abrir a todo mundo meus braços onde todo mundo cabe. É minha mania de ser humano, de querer compreender antes de julgar... Certamente sou ótima carne para vossas ferozes guilhotinas do mundo que virá e que se levantará sobre o sangue dos fracos e dos conciliadores. (Ibidem)

Aos 22 anos, Otto esboça uma definição de si como alguém que age – ou se omite, como protesta um jovem Fernando Sabino – buscando “compreender todo mundo”. Sinal de uma crença na propensão visceral a entrar nas “razões do adversário”⁵⁴ que seguirá com o escritor e marcará sua identidade como homem de letras.

⁵⁴ Otto no depoimento a Paulo Mendes Campos: “Quem é OLR”, 1975, (SANTOS (org.), op.cit., p.54.

O motivo da discórdia, o ídolo a quem Fernando em sua estudada ira desejava pedras mais certas, ocupava um lugar sensível na genealogia intelectual de Otto. A sinceridade/cautela/fraqueza é a resposta à ascendência de Alceu sobre sua formação. As conexões que determinaram a presença do crítico nas posições do jovem homem de letras deram-se por um caminho talvez mais afetivo do que o de seus companheiros de geração.

Seus primeiros encontros com a glória, matéria tão cara para a vivência do homem de letras, aconteceram por meio de sua personificação em Tristão de Athayde. Em junho de 1932, aos dez anos, no salão do colégio de seu pai em São João del Rei, Otto assistiu ao crítico pronunciar a conferência “Repercussões do catolicismo”. No dia seguinte, o contato se estreitaria. Perplexo, veria entrar, “casa adentro, o homem que encarnava para meus olhos ingênuos e ambiciosos de menino a própria glória literária”. Três anos depois, ela se faria representar pelo retrato de Alceu de fardão exposto na vitrine de uma loja por ocasião de sua entrada na Academia Brasileira de Letras⁵⁵.

Inicialmente determinada pelas conexões da militância católica de seu pai e pelo impacto produzido pelas imagens – possivelmente as primeiras que deixaram marcas – de um homem de letras em atuação, a relação entre os dois duraria mais de meio século. Com o tempo, Otto, investido de suas muito solicitadas qualidades de explicador e fixador de perfis de nomes da vida pública e literária brasileira, ganharia a função de especial saudador da passagem dos anos de Alceu. Desde a saudação pelos seus 50 anos, em 1943, até a celebração pelos 85, a cada década ou a cada lustro, Otto esteve presente com a sua “oração” – textos, pronunciados ou publicados, como o da última homenagem oferecida a Alceu ainda em vida.

O volume 6 de *Encontros com a Civilização Brasileira* de 1978, número especial, trouxe “Alceu: 85 anos. Homenagem ao grande brasileiro”, mais de 100 páginas escritas por críticos como Otto Maria Carpeaux e Nelson Werneck Sodré, por D. Paulo Evaristo Arns, representante do catolicismo institucional socialmente comprometido, por Frei Betto e Leonardo Boff, referências do catolicismo popular politicamente comprometido, por Antonio Houaiss, Edgar da Mata-Machado e Helio Pellegrino, entre outros, além do editor Ênio Silveira, que celebra o aniversariante como “monumento à dignidade humana”. O objetivo, Ênio afirmou, era, por um lado, ressaltar a “longa e fecunda existência” de Alceu, alguém que percorreria “trilhas políticas e

⁵⁵ Informações extraídas de duas crônicas sobre Alceu: “Algumas reminiscências e um testemunho” (RESENDE, 1994) e “Uma voz livre”, *Suplemento Literário de Minas Gerais*, v.18, n.899, dez.1983.

filosóficas [...] sempre iluminadas por tal sinceridade de propósitos, tal postura de crítica construtiva” cuja integridade sempre invocara respeito e possibilitara “lições úteis e práticas de seus avanços e recuos” apesar de ocasionais discordâncias de posições. Por outro lado, o dossiê servia também à louvação da “*intelligentsia* nacional”, representada pelos intelectuais então reunidos, por ter levantado guarda em defesa dos ideais democráticos nos anos arbitrários desde 1964. Os celebrantes estariam em “perfeita concordância” com o pensamento e as atitudes públicas do celebrado.

Otto certamente haveria de comparecer com seu depoimento. Em “Uma pena que vale a pena”, exercício de memorialismo, cruza a lembrança de saudações passadas com encontros e cartas trocadas com o homenageado. Remexe a “arqueologia particular” ainda que declaradamente desgostoso por permitir-se a uma “dolorosa [...] inútil nostalgia”. Como de hábito, antecipa-se ao juízo alheio e penitencia-se. Avança nas recordações amparado pela constatação do suposto – e frequente – delito de mergulhar no tempo: “Olhar para trás é a mais estéril forma de ser cego”.

Cabe mencionar uma lembrança em especial. Otto destaca algumas passagens do discurso de comemoração dos 80 anos realizado em 1973 na sede da Associação Brasileira de Imprensa. Na ocasião, iniciara pela infância, quando se deram os primeiros contatos com Alceu, ainda “na força da maturidade e na irradiação da glória”, elementos suficientes para a sua captura: admirara-o antes de entendê-lo, entendera-o antes de lê-lo. Em seguida estendera o olhar sobre o começo em *O Diário*, lugar de seus “primeiros artiguinhos de jornal”, em que Alceu fora tema e sombra a se insinuar sobre o projeto de literato que escrevia infiltrado pelo “frêmito de uma paixão que os anos disciplinaram, mas que, graças Deus, não chegaram a apagar”.

Um trecho da “oração” de 1973, salientado no depoimento de 1978, dá evidência da presença de Alceu na base das crenças íntimas, na subjetividade, do homem de letras que Otto se tornou.

Com algum esforço, sobrevivo sob os escombros de valores mortos. Não me faltam, porém, razões de vida, porque há sempre alguma coisa que não morre, alguma coisa que é teimosa porque invencível. Não indago de que certezas me alimento. Como o poeta maior, guardadas as devidas proporções, eu também talvez seja um sobrevivente⁵⁶.

⁵⁶ Provável referência a “O sobrevivente”, poema de Drummond dedicado a Cyro dos Anjos em *Alguma poesia* (1930): “Impossível compor um poema a essa altura da evolução da humanidade./ Impossível escrever um poema – uma linha que seja – de verdadeira poesia./ O último trovador morreu em 1914./ Tinha um nome de que ninguém se lembra mais.// Há máquinas terrivelmente complicadas para as coisas mais simples/ Se quer fumar um charuto aperte um botão./ Paletós abotoam-se por eletricidade./ Amor se faz pelo sem-fio./ Não precisa estômago para digestão.// Um sábio declarou a *O Jornal* que ainda falta/

Em 1975, na resposta à pergunta de Paulo Mendes Campos, o escritor fez questão de ressaltar a verdade na autodefinição “Sou um sobrevivente sob os escombros de valores mortos”. À falta de evidências no sentido contrário, pode-se supor que a origem da expressão tenha emergido dois anos antes, no mesmo momento em que cumpria “o rito decenal”, a celebração de Alceu, enquanto “perdia cabelos e ilusões” e dava voz à reflexão permanente sobre a paixão literária que o convocara, decepcionara, mas não deixara de trazer sentido à sua vida.

Reflexão permanente nas crônicas e depoimentos da época em que atingira talvez o ponto máximo de suas realizações como homem de letras, entre os 50 e os 60 anos de idade, mas já insinuante no jovem de Belo Horizonte. Em janeiro de 1944 escreve a Fernando⁵⁷: “É o diabo haver sempre gente disposta ao cinismo de ter vinte anos. E é uma impiedade carregarem a gente assim contra a vontade para não sei onde, para a nostalgia dos 43.” Lançando-se ao amigo, registra de que forma percebe um momento de transição: “[...] à nossa revelia, tudo vai se imobilizando no granito dos compromissos e os amigos imperceptivelmente começam a usar chapéu-coco e já não admitem que lhes pegue no braço sem finalidade, apenas para ‘puxar angústia’ ou para sobrenadar no balanço gostoso da conversa mole. [...] algumas coisas vão sendo surrupiadas, o vocabulário diminui e nem todas as palavras se dizem”. Agora, o tempo não poderá mais prescindir de finalidades. Os desejos e as aspirações compartilhados nos bancos de praças serão postos à prova.

Do grupo dos quatro, Fernando foi o primeiro a deixar Belo Horizonte para o Rio de Janeiro. Parte da contundência com que cobra atitudes de Otto no posicionamento sobre Minas pode ser atribuída à sensação de independência que a mudança teria lhe oferecido. Na capital do país passará a concitar os amigos a fazerem o mesmo caminho. Antes mesmo da polêmica sobre Alceu, com ares de domador de seu destino, dera lições ao amigo com a certeza a respeito do que havia deixado para trás: “Tenho saudade sim, sinto falta sim, até dos chinelos, mas eu é que monto nela, ela não monta mim⁵⁸”.

muito para atingirmos um nível razoável de cultura. Mas até lá, felizmente, estarei morto.// Os homens não melhoraram/ e matam-se como percevejos./ Os percevejos heroicos renascem./ Inabitável, o mundo é cada vez mais habitado./ E se os olhos reaprendessem a chorar seria um segundo dilúvio.// (Desconfio que escrevi um poema.)”.

⁵⁷ Carta a Fernando Sabino, 19/01/1944 (RESENDE, 2011, p.20).

⁵⁸ Carta a Otto, 01/11/1944 (SABINO, 2002, pp. 30-33)

É o próprio Fernando quem sublinha a afirmação que por si só não carecia de ênfase. Expressava a irritação causada pela saudade de Belo Horizonte que Otto manifestara em uma visita ao amigo há poucos meses estabelecido em novo endereço. “Puxa, Otto, é duro eu até hoje lembrar de você querendo voltar.[...] Belo Horizonte tem hélios e paulos, rouxinóis e perereca, querelas em lá menor, marmeladas e agapantos. O Rio não tem nada disso, e talvez daí decorra a maior importância de uma mudança: vitória sobre si mesmo, desligamento de todo compromisso social que é vaidade mesquinha, ou material, que é fraqueza do espírito, ou moral, que é preconceito desvitalizante, ou ainda sentimental, que é imposição do egoísmo (muito bem, dirão os pósteros, lendo este pedaço).”

Apela para que o amigo largue os “chinelos” e parta, pois outros já se aproximam. “Virão outros”, uma nova geração poucos anos mais nova que em breve os verá – os três que insistem em permanecer no passado – como canastrões. Optando em ficar, Otto facilmente encontraria abrigo e conforto nos gabinetes, nos órgãos públicos de imprensa, se não preferisse seguir como o pai na diretoria do Instituto Padre Machado. Mas o Rio guardaria a virtude que Minas jamais poderia oferecer, “a virtude que está na libertação”, “um banho” que “tira o mofo, faz doer, mas dá saúde”. Toda iniciativa que visasse a levantar algo novo estaria condenada, pois lá não haveria ambiente favorável à realização da “exigência vital” da “necessidade de construir”. Palavras de Hélios que ele cita para destacar a impropriedade de se querer construir onde “todas as construções são custeadas pelo Estado.” Aqueles que quiseram construir, foram construir no Rio.

E lá ele estava. Convicto – ao menos por meio da persona inflamada que a atitude receosa de Otto lhe inspirava – de que havia avançado nesse sentido. No entanto, não se pode negar o estímulo que o Estado, o passado caduco mineiro que deveria ser combatido, dera a sua própria libertação. Sua ida para o Rio fora ensejada pelo casamento com Helena Valadares, filha de Benedito, que facilitara ao casal a segurança de um cartório. Um caso clássico de vantagem oferecida a um intelectual a partir de sua relação de proximidade com a classe dirigente. Situação a ser compreendida mais como norma do que exceção no quadro de autonomia incipiente dos homens de letras brasileiros do período. Com isso não se quer dizer, no caso específico de Fernando – e de tantos outros –, que a sua ascensão no meio literário se explique única ou parcialmente pelo pecado original do favor. No entanto, correlacionar o pioneirismo de sua independência a uma libertação remediada pelas circunstâncias de seu casamento

tem como fim o desenho de um perfil de Fernando que possa ser contraposto ao de Otto – conforme se verificará ao longo deste capítulo.

Consecutivamente, os amigos também atravessariam a ponte Rio-BH – primeiro Paulo, em seguida Otto e, por fim, Hélio. A leitura das cartas de Fernando aos três entre 1944 e 1946 – ano em que parte para uma temporada de dois anos em Nova York, onde desempenhará funções no Escritório Comercial do Brasil e no Consulado Brasileiro – permite uma análise a partir de dois temas pertinentes ao objetivo maior desta dissertação.

O primeiro, já abordado, diz respeito às ações de Fernando no sentido de convencer os amigos a dar novo ambiente ao grupo e encontrar a vida liberta no Rio. À insistência em bater na província e desqualificar as chances de encaminhar uma existência em bases modernas afeitas ao espírito livre – como a exortação feita a Paulo, “Você precisa se mudar para cá, em Belo Horizonte há uma amanuense em cada esquina, no fundo de cada xícara de café, em cada conversinha que a gente tem” – soma-se o papel de agente que desempenha ao colocar-se à disposição para garantir a colaboração de um amigo em algum projeto ou fazer-se de procurador dos interesses de outro:

Mande artigos ou poemas que vou ver se publico. Colaboração efetiva é mais difícil do que arranjar o logo o emprego aqui. Responda urgente se topa o emprego, e venha por uns quatro dias. Assim nós arranjamos num instante⁵⁹.

Passei a manhã com o Tristão, Murilo Mendes, [Gustavo] Corção e Edgar [da Mata Machado]: estamos tratando de um semanário que fundamos, junto com uns alunos de Faculdade de Filosofia daqui: Murilo será o diretor [...] Falei de vocês três, estão contando seriamente com uma colaboração. Parece que a coisa é boa, justamente aquele jornal que nós aí tentamos fundar⁶⁰.

Bem é isso mesmo: há uma necessidade inadiável de vocês virem para o Rio – os três, é evidente, todos são candidatos, mas você é o preferido do Osório Borba⁶¹.

O político e jornalista pernambucano Osório Borba, udenista da ala Esquerda Democrática, à época escrevia diariamente no *Diário de Notícias*. Foi lá que Otto viu chegar a liberdade de imprensa. “Jornal udenista, meio pra frente, meio socializante, Osório Borba, aquele gente toda, a nossa fé democrática”, recorda, no rico e saboroso depoimento a Paulo, para em seguida pontificar/justificar suas incursões no coro

⁵⁹ Ibidem, p.50.

⁶⁰ Carta a Hélio, 07/06/1945 (ibidem, p. 58).

⁶¹ Carta a Otto, 30/11/1945 (ibidem, p.74).

udenista: “O udenismo não tinha (ou não se via), não estava envolvido por aquela vaselina farisaica. Moço, ainda que sendo, como você um dia disse, a melhor organização de velho da nossa geração, exagerei minhas convicções, apesar de uma cautela, um pé atrás, uma ponta de ceticismo. De tudo, ficou a certeza de que a liberdade é melhor. De que o jornalismo tem de ser livre” (SANTOS, op.cit., p. 52).

Associado ao empenho no sentido de garantir oportunidades para que os amigos hesitassem menos na decisão de deixar Belo Horizonte, percebe-se também o desejo de projetar a imagem dos quatro como um grupo sólido, unido não só pela amizade, mas também pela afinidade intelectual representada pela assinatura de trabalhos a oito mãos como a seguinte proposta expressa a Otto em dezembro de 1945⁶²:

É o seguinte: o Paulo deve ter te falado na nossa ideia do “Caderno de Exercícios”: a minha novela (consertada e caprichada, é lógico), um estudo do Paulo sobre poesia, uns 10 poemas de Hélio e uns exercícios seus. A coisa seria mais ou menos assim.

Caderno de Exercícios:

Episódio – Fernando Sabino

Poesia – Hélio Pellegrino

Estudo – Paulo Mendes Campos

Exercício – Otto Lara Resende

Pois bem, a Agir topa publicar, mas tem de ser imediatamente. Será uma coleção que ficaria a meu cargo [...] Nós iniciáramos a série. [...] Não se trata de uma “estreia”. É mais uma espécie de revista em que nós quatro aparecemos juntos, no primeiro número.[...] O que eu preciso saber logo é se vocês topam ou não, para não ficar chateando o Alceu (é coisa dele) com a espera.

A Livraria Agir fora criada um ano antes com o objetivo inicial de promover autores católicos. Alceu, um dos fundadores, aparece aqui como uma espécie de padrinho do grupo e de Otto, em especial, pois é com uma carta de recomendação sua que ele chega ao Rio em 1946 para se juntar a Fernando e a Paulo, que viajara com o intuito de conhecer o poeta Pablo Neruda, em visita ao Brasil em julho de 1945, e decidira permanecer na cidade.

Professor de ginásio em Belo Horizonte, Otto tinha a intenção de continuar na profissão no Rio. O Colégio de São Bento seria o destino da carta de Alceu, mas na chegada à capital, o rapaz de 23 anos, não chegou a bater à porta do Mosteiro – “fui adiando, não deu para ir lá, era longe, eu trabalhava no *Globo*, no *Diário de Notícias*, [...] acabei deixando o magistério” (SANTOS, op.cit., pp. 34-35). Embora “recomendem” alguém para uma função ou emprego, cartas de recomendação podem variar entre a

⁶² Carta a Otto, 31/12/1945 (SABINO, op.cit., p 76).

chancela protocolar e a exaltação desmedida, extremos que esbarraram no risco de, afinal, não dizerem muito e perderem o significado. A de Alceu, com data de 6 de janeiro de 1946, é bastante elogiosa, mas muito significativa:

Tem por fim este atestado recomendar o jovem escritor e professor Otto Lara Resende, que apesar de sua pouca idade, já se revelou, por seu caráter, por seu estilo, por suas ideias, um dos espíritos em que mais confio, entre os da nova geração não só em Minas mas de todo o Brasil.⁶³

3.2 Virtudes e libertações

É interessante observar o aspecto da precocidade na carreira de Otto e Fernando. Apesar da pouca idade, como sublinha Alceu, Otto já dispunha de relativa reputação. O mesmo pode ser dito do amigo. Até aquele momento nenhum dos dois já havia, de fato, despontado na carreira como grandes revelações. Otto tinha muitas horas de trabalho na imprensa (reportagem política, alguma crítica e alguns contos), mas nada publicado. Fernando já era autor dos contos de *Os grilos não cantam mais* (1941) e da novela *A marca* (1944), publicações de certa repercussão, porém nada que pudesse configurar uma estreia extraordinária. A publicação do primeiro livro, contudo, obteve a reação cobiçada pela maioria dos jovens escritores da época: uma carta de Mário Andrade e o início de intensa troca epistolar. Tornaram-se célebres as primeiras palavras que aconselham o iniciante a encurtar o nome e optar por dois dos três Fernando Tavares Sabino. Assim como a equação que apresenta para o enigma idade/promessa literária:

Antes de mais nada: eu achava que os estreantes deviam pôr nos seus livros a idade que têm. Que idade tem você? Isso importa extraordinariamente num caso como o seu, por causa justamente das possibilidades fartas. Si você está rodeando os vinte anos, de vinte a vinte cinco como imagino, lhe garanto que o seu caso é bem interessante, que você promete muito. E o livro, neste caso é bom. Mas si você já tem trinta ou trinta cinco anos, já estudou muito (você parece de fato se preocupar com a expressão linguística) e está homem-feito, não lhe posso dar aplauso que valha. Neste caso o livro fica medíocre, sem o menor interesse. É apenas um dos muitos. (SABINO, ANDRADE, 2003, p. 13)

No Rio, as coisas apenas começavam a acontecer. Muito cedo se integraram às rodas intelectuais cariocas. Não chegaram como forasteiros sem lastro, mas como escritores promissores que já vinham militando no estabelecimento da própria geração,

⁶³ Arquivo Otto Lara Resende, Instituto Moreira Salles.

em diálogo com os mineiros da primeira geração e sob a influência de figuras mentoras como Alceu e Mário.

O segundo tema percebido nas cartas dos primeiros anos, da experiência inaugural da idealizada virtude trazida pela “libertação”, encerra a dificuldade em levar adiante o projeto literário que Mário incensa no jovem Fernando. Trata-se das agruras inerentes ao trabalho criador. As ambições imaginadas em qualquer jovem escritor submetem-se à realidade da angústia do primeiro romance. “Meu livro, Otto, oh! Desgraça que está sendo meu livro que acabei pela quinta vez!”. A tranquilidade que o presente de casamento representava não veio sem a imersão em assuntos que comprometiam a dedicação à literatura:

Nesta balbúrdia aqui reinante [...], telefone chamando, a vontade de ver os amigos, necessidade de escrever para eles, o escrevente do cartório me chateando [...] Toda vez que me presta contas no fim do mês, como fez hoje, uma dívida cresce (dívida não, adiantamento, diz ele: aniversário da filhinha mais moça, “coitadinha, ficou tão satisfeita com o presente, até pensei em convidar o senhor para ir lá em casa, mas o senhor não vai...” E eu não tenho jeito de dar de duro, ele não tem jeito de pagar. É assim que esse cartório é a sinecura que os outros dizem e eu pensava ser – que me deixaria viver e escrever sossegado”⁶⁴

Fernando estava às voltas com a redação de *Os movimentos simulados*. O projeto só viria a público décadas depois, em 2003, menos de um ano antes da morte do autor. O primeiro romance chegaria apenas com *O encontro marcado*, após o lançamento de um volume de crônicas escritas no período em que viveu em Nova York, *A cidade vazia* (1950), e as novelas reunidas em *A vida real* (1952).

Escrevendo a Hélio, o único ainda em Belo Horizonte em maio de 1946, dá notícias do empreendimento a que se submetera: “Estou escrevendo um livro, um livro enorme, desbragado, desatinado – e louco para acabar, como quem está em véspera de morrer. Chama-se ‘Os Movimentos Simulados’ e é uma experiência colossal, pelo menos no número de páginas: já tem 90 datilografadas e ainda estou no 3º cap. da 1ª parte – e são nada menos que 5 partes”. O tom de seriedade e autoimportância é típico

⁶⁴ Carta a Otto, 01/06/1945 (SABINO, op.cit., p. 53). A concessão do cartório foi motivo de muito falatório e ironia, como a de Eduardo Frieiro por ocasião de uma visita do casal Fernando e Helena a Belo Horizonte no mesmo junho de 45: “Fernandinho, o príncipe consorte [...] faz ponto todas as noites no Café Celeste, no largo do teatro. Em companhia da jovem esposa, filha do governador, forma uma roda de moços letrícolas e jornalistas, que o ouvem com o acatamento devido a um príncipe da República. Fernandinho fuma cachimbo, distribui cigarros caros, bebe whisky (a quinze cruzeiros a dose) e faz propaganda comunista, prevendo o fim próximo da burguesia em decomposição, de que ele, a esposa e os jovens camaradas (todos da “melhor sociedade”) são testemunhas eloquentes. E fala mal do sogro, que lhe deu a filha em casamento e um cartório no Rio, que rende vinte contos por mês (E, pensando nisso, eu sonho também, vagamente, com a necessidade de uma revolução.). Eduardo Frieiro em *Novo diário* (1986) apud BLOCH, 2000, p. 82.

do jovem artista que nunca se encontra à altura do ideal. Intimamente, divide-se entre a certeza da vocação e a dúvida/semicerteza a respeito das reais possibilidades de conseguir corresponder às suas aspirações. Mas o grupo avança. A comiseração grandiloquente que usa para si dá lugar à avaliação irônico-realista destinada aos amigos:

Hélio, eis que as coisas começaram a acontecer – segundo o Rubem Braga, ultimamente têm passado muitos anos. O Pajé é hoje o líder da maioria jornalística lá na Câmara – conversa, abraça e discute gordíssimos deputados. O poeta Demetrius Morales de los Rios, também conhecido como Vinícius de Moraes, às vésperas de largar a segunda mulher, toma porres colossais e chora feito um menino. O Nicodemus⁶⁵ [...] lê poetas ingleses e faz concursos para o Itamaraty: paralelamente passa fome, passa poemas a limpo [...] e vai passando muito bem. Como diz você, nós estamos passando, Hélio. O Pajé, também conhecido como Otto Lara Resende, vai passando mal, mas aguenta a mão e dá de duro trabalha feito uma besta [...]⁶⁶.

A ida para os Estados Unidos traria novo contexto para a tentativa de Fernando concretizar suas ambições literárias. Mas lá não faltariam elementos favoráveis à perpetuação da crise criadora, da angústia indissociável do trabalho do artista e do escritor. As cartas desse período trazem o relato de seu deleite com os equipamentos culturais à disposição – experiência fundamental para sua formação – dos empecilhos cotidianos causados pelo trabalho burocrático – outra prebenda de consequências conflitantes, em certo sentido –, das novas ideias para projetar o grupo e a geração a que pertencia. Antes de entrar em detalhes, cabe apresentar um panorama da correspondência que vem sendo analisada neste capítulo.

O trabalho consciente de Fernando no sentido de afirmar-se como escritor levou-o a uma política de publicações que, ao final da vida, incluídas edições de melhores contos e crônicas, resultou em 49 títulos lançados. Não se pode dizer que todos tenham surgido por vontade própria, pois os interesses das editoras muitas vezes contradizem os dos autores. No entanto, a lista corresponde à imagem de um escritor que se esforçou para viver da venda de suas obras. Essa constatação é reforçada pela circunstância de Fernando ter sido proprietário e editor da já mencionada Editora do Autor e da Sabiá, continuidade da parceria com Rubem Braga, fundada em 1966 e vendida à Editora José Olympio em 1972. Fernando, portanto, foi um autor mais do que afeito às questões financeiras que envolviam seu trabalho. Compreendia e agia de

⁶⁵ Apelido de Paulo.

⁶⁶ Carta a Hélio, 05/05/1946 (SABINO, op. cit., p. 77).

acordo com fato de que seus livros eram frutos de um trabalho que, a partir de determinado ponto de sua vida, tornaram-se sua principal fonte de subsistência.

Da extensa bibliografia, cerca de 60%, excluindo os “melhores”, referem-se a crônicas, a grande maioria publicada inicialmente em jornais e revistas, e narrativas curtas, contos e novelas. Além de quatro romances, o restante diz respeito a projetos para o público infantil, a um dicionário de lugares-comuns, a relatos de viagens, a um “esboço de autobiografia” (*O tabuleiro de damas*), a uma controversa biografia romanceada de Zélia Cardoso de Melo, à edição da obra reunida até 1996 e, finalmente, a um recorte de sua correspondência.

Os volumes de cartas saíram no começo dos anos 2000, época em que o escritor rondava os 80 anos. Clarice Lispector foi a primeira correspondente escolhida. *Cartas perto do coração* reúne missivas de ambos entre 1946 e 1969, coligidas sob a orientação que o subtítulo sugere: “Dois jovens escritores unidos ante o mistério da criação”. Um circuito de 44 cartas entre janeiro de 1942 e janeiro de 1945 compõe o diálogo com Mário Andrade de em *Cartas a um jovem escritor e suas* respostas, um exemplo da pedagogia epistolar que o crítico dirigia aos “moços” (MORAES, 2007).

Em 2002, dez anos após a morte de Otto, Fernando, o primeiro a tomar o caminho da “libertação” e o mais longevo do grupo, apresenta a edição das cartas enviadas aos três amigos ao longo de 50 anos. *Cartas na mesa: aos três parceiros, meus amigos para sempre* consiste de 130 cartas escritas entre 1943 e 1992. Otto é o destinatário mais frequente em virtude de sua franca disposição à epistolografia e também das duas temporadas no exterior. Contudo, quando de seus próprios anos de permanência fora do país, em Nova York e em Londres, é ainda ele o correspondente que mais aparece na edição. Em 2004, uma pesquisa de Humberto Werneck no acervo do IMS revelou os originais da correspondência no sentido contrário que Fernando vinha preparando. A edição foi publicada em 2011 em meio a uma segunda onda de reedições das obras do mineiro de São João del Rei. É a leitura cotejada desses dois volumes que serve de eixo para as observações em torno da constituição, da formação continuada, da subjetividade do homem de letras a partir do caso de Otto. O recorte analisado tem início nas cartas trocadas entre Rio e Belo Horizonte e vai até o retorno de Otto ao Brasil, em 1959, ao fim do período em Bruxelas, passando pelos anos de Fernando em Nova York.

A solidão que a distância da terra natal provoca, apesar da manifesta satisfação de estar longe de casa, pode ser um estímulo à criação literária, seja na concretização do

texto de ficção ou na literatura que extravasa do falar de si, da confissão, que o exercício epistolar traz consigo. No conjunto de cartas do período nova-iorquino, o remetente insiste na descrição de cenários adversos a enquadrar o avanço do trabalho literário:

Minha vida vai indo, mas as preocupações são muitas. Já agora não se dispõem em andares, nem em plano, mas em círculos concêntricos. No do meio estou eu com minha vida de indivíduo e artista, se assim posso dizer, lutando com o meu romance, vendo o tempo se perder sem que a alma se salve. De repente o livro tomou um empurrão nesta estranjura onde atualmente habito, se estirou em seis capítulos até a página 178 e caiu num buraco de onde nem um guindaste consegue tirá-lo, Vou caindo atrás dele. Acontece ainda a minha falta de tempo. Acordo antes das oito para estar no serviço às dez. Saio de lá às seis da tarde, tão esfolado que de noite mal tenho cabeça, tronco e membros para os encargos econômico-sentimento-espírito-psicológico-conjugais da família. E para leitura de alguma coisa, a escrivinhação de outra. Caio na cama tarde da noite e ainda bem não fechei os olhos o despertador está chamando para mais um dia de labuta (com perdão da palavra).⁶⁷

A passagem traz nova evidência (talvez desnecessária neste ponto da dissertação) de que o desejo por vida tranquila no plano prático, condição idealizada para plena realização da criação, resulta em uma realidade de relativa atribulação – ainda assim privilegiada. Ao traduzir a vida prática atribulada em “vida dura”, o homem de letras afirma para si a condição de que age apesar da adversidade, aspecto importante da mitologia literária.

A situação de agenciamento agora se inverte. Longe do Brasil, Fernando pede aos amigos para que intercedam por ele na tentativa de publicar crônicas e contos na imprensa carioca. Atitude que responde tanto a necessidades financeiras quanto à busca de um escritor por visibilidade:

Aqui vai o primeiro artigo. Veja se consegue uma publicação semanal permanente com o Pompeu [de Sousa] no *Diário Carioca*, com o Castelhino [Carlos Castello Branco] no *O Jornal*, ou em qualquer lugar, contanto que paguem e publiquem como regularidade. [...] Por favor, não esqueça o meu artigo no bolso. É realmente para o Schmidt! Talvez o Rubem ou o Moacir [Werneck de Castro] consigam alguma coisa. Bata as pernas, Nicodemus⁶⁸.

A postura ativa, a ação em função da ambição artística, é acompanhada da vontade de associar seus esforços de homem de letras em formação à colocação de uma pretensa voz para o grupo e para a geração. A iniciativa reflete-se novamente nos projetos apresentados aos amigos. Em meio às crônicas, artigos e reportagens enviadas a

⁶⁷ Carta a Hélio e Otto, 27/09/1946 (ibidem, p. 103).

⁶⁸ Carta a Paulo, 05/09/1946 (ibidem, pp.101-102).

Paulo e ao romance sempre inacabado, esboça a Otto a ideia de uma “Confissão de Natal aos de Minha Geração”:

De Natal porque foi quando pensei pela primeira vez. [...] Faço considerações sobre Minas, o ambiente literário e político a partir de 39 etc., depois o Rio e depois o mundo, tudo em relação ao que nossa geração encontrou pela frente (ou por trás), as condições nas quais ela (eu) veio se formando. [...] Seria uma constatação serena da realidade de nossos problemas e principalmente de meus problemas, que me dispus a enfrentar. [...]

Literariamente eu consideraria a situação do modernismo, a influência do Mário⁶⁹ em nós e o movimento modernista. Politicamente, a nossa primeira experiência no movimento do Brigadeiro. Tudo isso para acabar deduzindo o que se espera de nós e o que eu espero de mim mesmo.

Originalmente acreditei que devia ser realizada por nós dois em conjunto, ou por nós três (não digo quatro porque a insistência com que o Paulo continua se afirmando não-católico começa a me assustar). E a coisa seria, em última análise, uma profissão de fé assinada por três católicos da nova geração.

Em razão da ausência das cartas de Otto desse período – nenhuma delas foi incluída na edição de 2011 – e ao fato de Fernando não retornar explicitamente ao assunto nas missivas subsequentes, não se pode verificar qual terá sido o andamento do projeto. É possível que tenha resultado em alguns dos muitos artigos e crônicas de sua autoria. Hipótese que só uma extensiva consulta ao vasto material publicado terá como apurar. Entretanto, *O encontro marcado* não deixa de ser uma versão de profissão de fé acrescida do relato íntimo, transfigurado, do enfrentamento desses “problemas” ao longo do período iniciado sob o signo da “virtude que vem da libertação”.

3.3 Petecas entre a ambição e a vocação

Pouco mais de dez anos depois, a repercussão das principais realizações literárias de Fernando e Otto até então é tema das primeiras cartas entre Rio e Bruxelas: “De manhã [...], acordei com o André [André Lara Resende, primogênito] me entregando um envelope dentro do qual Fernando LR [irmão de Otto] me mandou o

⁶⁹ O entendimento a respeito do lugar de Mário e da geração produz reflexões como a feita a Hélio em 07/06/1945: “É engraçado, Hélio, não há meios de segurar o tempo [...] É esquisito, é inacreditável, é antes de tudo tão comovente, como nós quatro tivemos ao mesmo tempo a consciência de um instante em suspenso entre o que deixou de ser e o que será de agora em diante. O Otto me escreveu, dizendo que daqui dois meses perguntarão, atônitos: ‘Mas você viveu mesmo na época do Rossevelt? Você conheceu o Mário de Andrade? Conversava com ele, batia nas costas dele, ouvia a fala mansa e penetrante que ele tinha?’. O Paulo me escreveu dizendo que um tempo se encerrou e restará esquecido, chegou a hora de inaugurar os tempos novos, se preparar para eles, que eles chegaram com o fim da guerra ou sem o fim da guerra, com justiça ou sem justiça, com a morte de Mário ou sem a morte de Mário, eles chegaram para nós.”

artigo do Wilson Martins. Você viu? Que pausado e frio estilo para dizer que eu sou uma besta, um mediocrão!”⁷⁰.

Recém-instalado com a família na Bélgica em julho de 1957, Otto recebia notícias sobre as críticas a *Boca do inferno*, lançado naquele mesmo ano. O livro causou desconforto e foi alvo de reações ferozes devido ao tratamento considerado cruel e perverso que Otto dá às crianças protagonistas dos seus sete contos. Em vida, o escritor permitiu apenas a primeira edição das obras. A primeira reedição veio somente em 1998, cinco anos após sua morte. No posfácio à última republicação, Augusto Massi (RESENDE, 2014) destaca a “topografia do esconderijo” que percorre o livro. O desenrolar dos acontecimentos é operado por um “narrador de tocaia” que conduz a história à espreita do leitor, conduzindo como que em segredo enredos de tensão crescente que levam a fins trágicos em ambientes soturnos ou claustrofóbicos: a caverna, o banheiro, o quarto, o cemitério, a alcova, o porão. O autor, disse Rubem Braga, “é implacável como um deus antigo, e esmaga todos”.

Em um balanço da recepção crítica da obra, Massi analisa 35 resenhas da época. Desse total, apenas cinco seriam favoráveis, dentre elas, as opiniões dos amigos Hélio e Paulo. O crítico divide os argumentos em quatro grupos. Um de críticas restritivas e demolidoras, a desqualificar forma e conteúdo, como a de Wilson Martins: “Tomando por tema ‘os meninos em luta com a sua infinita e secreta liberdade’ o sr. Otto Lara Resende não tem imaginação suficiente nem para criar situações excepcionais”; “Quanto aos temas, pode-se, pois, dizer que ele se mantém , invariavelmente, ao nível do lugar-comum”; “Quanto ao estilo [...] raia a banalidade”⁷¹. Outro de fundo moral, a atacar a temática cruelmente pessimista apesar de admitir o talento do autor. Um terceiro de retórica equilibrada, que elogia a técnica e o estilo enquanto faz objeções ao tom frio, distante e alheio do contista. Por final, os eminentemente elogiosos, como os citados companheiros e Eduardo Portella, que sugere a adoção de duas máximas do escritor francês André Gide com as quais Otto deveria se defender dos críticos fervorosos: “É com bons sentimentos que se faz má literatura” e “Não existe obra de arte sem a colaboração do demônio”. Aliás, este, o demônio, tem lugar nas cartas de Otto a Fernando.

⁷⁰ Carta a Fernando, 28/07/1957 (RESENDE, 2011, p. 33).

⁷¹ Apud Augusto Massi in RESENDE, 2014, p.146.

Melancólico, tomando pé das atividades que lhe caberiam na embaixada, declara: “Me sinto inútil, numa atividade (?) kafkiana. É pena que não haja aqui um amigo de peito para eu contar os eventos e sofrê-los e gozá-los com aquela conhecida técnica de verrumar o cotidiano nos quais somos indubitavelmente campeões”. Embora considere viajar uma “frivolidade de senhoras na menopausa”, admite esperar que a vida na nova cidade lhe ofereça benefícios, “aquela famosa perspectiva”. Segue com notícias sobre as instalações, sobre a saúde dos filhos, sobre personagens para histórias belgas (a dona de pensão antipática, uma velha alemã que implica com os filhos), sobre o romance – parado, como haveria de ser. E antes de pedir novidades sobre a política brasileira e sobre os amigos, pontifica: “Olhe, meu caro, tudo é o Diabo, pode ficar certo que ele age muito e, na minha vida, tem representado com sucesso o seu papel”⁷².

Na outra ponta da conversa, Fernando, tentando ler através da melancolia e da retórica epistolar, dá seu parecer a respeito do estado de espírito do amigo: “Volta e meia me perguntam por que você está tão infeliz aí. Eu leio e releio a sua carta, acabo respondendo que você estava louco para fumar e seu cigarro havia acabado. E também porque a dona da pensão está te furtando na água mineral. [...] Suas considerações sobre o Diabo me impressionam: diabos bastam os meus”⁷³. A seu respeito, relata o estágio do pedido de demissão do cartório e de outro “caso”, pessoal, que não teria mais jeito. O escritor passava por dois processos de ruptura: a separação de Helena Valadares e a devolução do cartório. Um novo processo de libertação estava em curso. A publicação de *O encontro marcado*, o tão idealizado primeiro romance que já caminhava para uma terceira edição, acontece em meio a esse rompimento duplo.

Retomando o circuito, na mesma carta em que reage às críticas feitas a seus contos, Otto executa uma repreensão cautelosa, circundante, que o leva a novas reflexões sobre céu e inferno. A propósito das escolhas de Fernando:

Você decidiu mesmo isso? Pensou bem, na certa. E conversou com alguém, com o Hélio, por exemplo? Soube ainda que você assenta planos de estabelecer-se em bases novas, renunciando a todo o seu passado, cortando, quem sabe, as amarras com o FS de até aqui, cartório, genro, pai de quatro filhos etc. É mesmo? Peço a Deus que o ilumine e não o deixe fazer besteiras, sobretudo que não repercutam (nem será preciso que eu diga, mas me desculpe, quero dizer e digo) sobre seus filhos (porque sempre repercutem o

⁷² Carta a Fernando, 01/06/1957 (idem, p. 31).

⁷³ Carta a Otto, 22/06/1957 (SABINO, op. cit., p.186)

mínimo possível) [...] Será possível, fora do chamado caminho cristão, inventar um homem novo tão novinho em folha?⁷⁴.

É a expressão de preocupação sincera, mas em tom religiosamente convencional que destoa do teor das cartas entre os dois. Não que Otto se sentisse impedido ou constrangido ao se colocar de maneira condizente à formação católica conservadora de ambos. “Deus é terrível, tem contornos nítidos e não gosta de ser compreensivo. O Diabo é que sopra na gente essa conversa de que é assim mesmo, a gente compreende, que diabo, afinal há a misericórdia divina...”. Considerações dessa ordem coincidem com o estilo meditativo que normalmente acompanha afirmações de desconforto espiritual e físico – “Estou triste. O céu é plúmbeo. O dia é frio e meus dedos estão meio marotos, se recusam a bater na máquina. Estou com dor nas costas e vou ter dor de cabeça”. No entanto, nesta missiva, a retórica religiosa parece excessiva e tira o espaço de um tipo de reflexão característico do escritor a essa época já veterano em mitologia literária: a reflexão/chavão sobre o tempo passado/perdido.

Escreva-me, conte-me o que há, não me deixe nessa cegueira, morrendo de curiosidade e imaginando que o nosso tempo acabou, que agora, à minha volta para aí (voltarei!), tudo será diferente e os nossos próprios nomes serão outros, outros serão os que estão em torno, outra coisa, outra coisa que está por dentro de nós e outríssima o que está por fora.⁷⁵

Otto verificava o fim de um tempo nas transformações que identificava na vida do amigo. Sem esconder certo desdém e a penitência usual em relação às próprias afirmações: “Pelo que me dizem, você anda sumido, não quer saber de mais nada, nem de mais ninguém, entregue à ‘renovação’ de sua vida. Volto ao princípio. Ih, meu Deus, estou chato e cansado”⁷⁶

A resposta de Fernando acusa o incômodo causado pela repreensão mal disfarçada. Dá sua própria opinião a respeito da justiça punitiva divina e da compreensão demoníaca, questiona a encenação e o escrever por entrelinhas do correspondente: “[...] o desquite já era do seu conhecimento, a minha nova relação passou a ser. A situação de meus filhos também; a demissão do cartório, também. Por que, de súbito, aí de Bruxelas, você se põe a me ameaçar com o demônio de maneira tão furibunda?” Quanto ao fim de uma época, é categórico e resolutivo: “Nosso tempo é

⁷⁴ Carta a Fernando, 28/07/1957 (RESENDE, 2011, p. 34).

⁷⁵ Idem.

⁷⁶ Ibidem, p.37.

evidente que acabou. Mas quando você voltar encontrará tudo no mesmo, ou tudo mudado – como no fundo é a realidade dos que voltam”⁷⁷.

Há um aspecto de encenação, portanto, na carta de Otto. Procedimento característico da escrita epistolográfica que se evidencia naturalmente, a partir do momento em que um se dirige ao outro. A troca de cartas opera sempre entre o caráter da encenação e o da espontaneidade⁷⁸. Cabe ao examinador distante, em função do contexto temporal e do contexto de uso do objeto como item de pesquisa, admitir que as linhas entre o retrato espontâneo que emana do texto confundem-se com a máscara desejada pelo remetente. Máscara não em um sentido necessariamente negativo como falsidade ou impostura, mas como um artifício presente em qualquer comunicação textual que serve à afirmação de si em relação ao outro e a si mesmo.

A tréplica de Otto tomou o caminho da pacificação. Após passar por diferentes assuntos – rotina na embaixada, encontros com brasileiros ilustres (alguns nem tanto) em viagem pela Europa, notícias recebidas do Brasil –, entra no assunto: “[...] me dão notícias de você, com a repercussão nacional que teve o seu gesto anticartorário. Vi que você foi a vedete nacional. [...] Queria muito escrever-lhe a carta que seria preciso, mas renunciei a isso. No dia em que recebi a sua carta, comecei uma resposta, mas abandonei. Creia que esperava uma resposta violenta, um coice. Você me escoiceou, é verdade, e com muita vivacidade, raciocinando como um acrobata, ganhando, como sempre, qualquer discussão, mas não senti coice nenhum.”

Do período de Bruxelas, este é o único episódio pesado, de cobranças duras, que aparece nas cartas publicadas. As cartas trazem o relato quase humorístico – o típico caso – de acontecimentos cujos personagens são escritores, diplomatas e figuras públicas brasileiras. Expressam a preocupação com a volta ao Brasil, ao jornalismo, ao funcionalismo. Tratam evidentemente, pois o que se escreve constitui aquele que escreve, de suas “obsessões”:

Daquela obsessão do Demônio em que andei no ano passado, quando lhe escrevi a carta que lhe irritou, passei para outras obsessões, muito piores. A verdade é que Bruxelas me revirou todo, ando sempre querendo passar a vida

⁷⁷ Carta a Otto, 04/08/1957 (SABINO, op.cit., p.188).

⁷⁸ A propósito dos componentes “diálogo” e “*mis-en-scène*”, determinantes para efetividade da escrita epistolar de Mário de Andrade, Marco Antonio de Moraes, organizador de sua correspondência com Manuel Bandeira, avalia: “Se o diálogo confere a cumplicidade sugerida por Mário, a encenação direciona a escrita, pois o missivista, consciente ou inconscientemente, passa a atuar em face dos diversos destinatários, modificando-se com a intimidade ou se afirmando no discurso desejado”. (MORAES, 2001, p. 20)

a limpo, acertar, rever, concluir. Fiquei entregue a mim mesmo, isto é, entrei em crise, grave, verdadeira [...]”⁷⁹

Esse revirar-se foi motor para a literatura e para a frustração literária. E, claro, para as cartas, tanto como material objetivo – assunto – como subjetivo – condição/inspiração para escrevê-las. Em um dos momentos em que sua angústia transparece da maneira mais pungente, Otto revela:

Ando apavorado, de vez em quando me dá um mal-estar que não sei de onde vem, aquela onda de bosta que reflui, subterrânea, catadúptica, desmentindo a tranquilidade aparente da minha vida, meus filhos, Helena, tudo arranjadinho, que será de mim? Que será de mim? Que será de nós?

Não é sem sentido que, em algumas linhas após a confissão desse estado de inquietação e dúvida, ele venha atualizar o destinatário a respeito dos resultados práticos de suas obsessões:

Todo homem que acusa me acusa, todo homem que se condena me condena. Vamos nascer de novo, FS, passar a limpo, não errar, não recair no erro.[...] O diabo é que um homem nunca é o que é, é sempre o que foi – arrasta-se esse cadáver amarrado aos calcanhares. Em Paris, meio de pileque, eu disse isto a uma moça e ela me retrucou que eu estava muito literário. Resolvi abrir uma válvula literária, isto é, resolvi abrir trabalhar literalmente. Pois então lhe conto um segredo: escrevi outro romance. Acabei-o, chama-se *Diário de um inspetor de órfãos*, é uma história metafísico-policialesca, mais policialesca do que metafísica.⁸⁰

Era a versão original de *O braço direito*, seu único romance, publicado só em 1963. A gênese do livro veio ao escritor em uma noite de março de 1957. Assim ele registrou em um breve testemunho tido como o primeiro momento conhecido da obra:

São 9 horas da noite. Acabo de jantar. De repente, vem-me, inteiramente de graça, a ideia de um romance que vou escrever, tenho absoluta certeza de que vou escrever. Inspiração autêntica, encontro de uma realidade que já estava dentro de mim e que agora, de súbito, se descolou, inteirinha, desabando para o mundo do meu consciente todo um assunto, toda a estrutura de um livro, Vem-me até a sugestão do título: *Os asilados*. História de 12 meninos que vivem num asilo (paisagem, geografia, casa, luz, ambiente em suma do Asilo São Francisco, que conheci de perto e que visitei recentemente em fevereiro último. (SANTOS, org., 2002, p.136)

A ideia foi posta em prática com sofreguidão. “[...] fiquei nervoso, estive à beira de um desequilíbrio, não comi, não bebi, apenas escrevi, escrevi, escrevi,” a Fernando, ele dá conta do movimento que lhe trouxe ânimo para vislumbrar um ímpeto promissor aos seus projetos literários:

⁷⁹ Carta a Fernando, 06/12/1958 (RESENDE, op. cit., p.100).

⁸⁰ Carta a Fernando, 19/12/1958 (Ibidem, p.108-109).

Mas a experiência me vale, eu vou caminhando para perto de outros assuntos, de assuntos mais MEUS, compreende? Vou refazer todo o outro romance, já dei um jeito nele, o carneirinho. E tenho doze contos novos. E escrevi um diálogo teatral e estou às voltas com uma comediazinha divertida para espalhar. E só não faço uma conferência sobre o Brasil de hoje na literatura de amanhã porque não sou do ISEB.⁸¹

O “outro romance” era “O carneirinho azul”. Na verdade, uma novela publicada em *O retrato na gaveta* (1962). Uma segunda versão – reescrita ou “tosquiada”, segundo o autor – foi mantida em seu arquivo até que veio a público em 2012, sob o título de *A testemunha silenciosa*. É a história de um crime a partir do ponto de vista do menino João do Sacramento. Como pano de fundo, a Revolução de 30 e suas consequências nas estruturas e relações de poder da pequena cidade fictícia de Lagedo, o ambiente de atmosfera abafada e opressora das províncias mineiras.

O entusiasmo em relação aos avanços de seus projetos, entretanto, não é o tratamento predominante nesse diálogo com Fernando. O que prevalece é a apreciação de seu autodenominado grande tema: “Já está chato este assunto da minha frustração literária. É o meu grande tema, talvez seja o único”⁸². Não é o único, certamente, mas, possivelmente, o mais central em sua subjetividade como homem de letras. Talvez seja a componente de maior força na mitologia literária que constituiu para si.

Se eu tivesse a certeza de que alguém ia encenar a minha peça, é claro que já tinha escrito a bicha, mas sei lá, meu tema de fracasso literário é verdadeiro demais para eu não falar nele, meu romance continua fedendo cada vez mais aqui na gaveta, parece um urubu morto, nem tenho coragem de exumá-lo porque aí então vou cair em crise e agora resolvi que, com essa Exposição não é possível a gente ser direita e levar a vida (literária) para a frente [...] ⁸³

O fracasso não é experimentado somente na dificuldade prática para escrever, na falta de tempo, na vida atribulada que tanto Otto quanto Fernando em suas relativas sinecuras tinham de enfrentar. Era sentido na percepção de um esgotamento em relação ao próprio estilo:

Estou ocioso como um sapo. Que vergonha! Comecei a trabalhar o Grande Sacripanta, o *Inspetor*, mas só na ponta da caneta, descobri que tenho muito mais coisas a fazer do que eu próprio esperava. Estou de cabeça fria, vendo claro, mas me ocorre às vezes se não seria melhor jogar tudo fora, começar de novo. Tudo, digo, o *Inspetor*, o intosquiado *Carneirinho*, e os contos, toda essa ganga literária que me impede de sair para outra, num estilo claro, sóbrio e másculo como o Pelé das letras, driblando no meu balezinho particular

⁸¹ Ibidem, p.109.

⁸² Carta a Fernando, 10/02/1958 (Ibidem, p.63)

⁸³ Carta a Fernando, 25/03/1958 (Ibidem, p.77). A serviço da Embaixada, Otto participou da organização da *Exposition Universelle et Internationale de Bruxelles*, realizada entre abril e outubro de 1958, a primeira grande exposição mundial depois da II Guerra.

todas as vigarices lodacentas que pertencem ao gênero “doido que pinta”[...] Ao mesmo tempo, minha preguiça me segreda que bom é ficar quieto, calado, sem me expor, sem escrever.⁸⁴

A verdade é que caí de novo no brejo – não sei sair desta sozinho [...] Romance, parei, não continuo, vou desistir de fazer literatura, você há de ver, vivo ameaçando, mas um dia eu salto e então será pra valer, nunca mais ninguém mais me verá!⁸⁵

É interessante observar que a verbalização do tédio e do impasse quase permanente em relação a seus projetos acontece ao mesmo tempo em que Otto reconhece e valoriza a repercussão das crônicas e do sucesso de Fernando como escritor. “Sei que você está escrevendo valentemente crônicas diárias e semanais, ganhando os tubos, viajando por todo o Brasil.”, escreve após receber do amigo a segunda edição de *A cidade vazia* em novembro de 1958. Esse reconhecimento não vem sem a avaliação do encruamento de sua própria literatura, como evidencia a passagem de uma carta de março do mesmo ano:

Você vai escrever um grande romance, não tenho dúvida. O Dalton [Trevisan] escreveu contos geniais, diz você, e aqui estão os anteriores dele, ótimos. Isto está me dando uma raiva, estou ficando invejoso pra burro e notícias assim me esgotam, me lançam num cansaço, numa sensação de impossibilidade, é aquela coisa de jogador que, além de perder, não ganhar nada, ainda tem de contemplar a felicidade do filho da puta que levou a bolada. Estou muito ressentido, se continuar assim vou ficar inabitável, você vai ver. A menos que eu saia com um romance no duro, aí eu endireito. Conto, não escrevi mais. [...] Romance, meu romance é o maior *bluff* da Bruxa [Bruxelas], nem é romance, nem vale nada e nem consigo ler o mastodonte, quanto mais mexer nele, sai pra lá, carniça fedorenta!⁸⁶

À época, Fernando escrevia uma crônica diária para o *Jornal do Brasil*, uma semanal para a *Manchete* e pensava no novo romance – *O grande mentecapto*, provavelmente, publicado só em 1979 –, conforme informa na missiva que motivou a manifestação acima. Na mesma ocasião, assentado na posição que transparece – ou faz aparecer? – uma atitude muito mais desembaraçada em relação ao ofício do que a angústia relatada pelo amigo em Bruxelas, incentiva:

Continue escrevendo cartas, que você é o nosso Mário de Andrade. Seu romance pode ter empacado, pois então senta a pua, se atormente, comece outro. Não quero falar de camarote, mas não se esqueça que o meu só saiu depois que outro, o cronicão, empacou quase no fim e tive de começar com bossa nova.

⁸⁴ Carta a Fernando, 11/05/1959 (Ibidem, pp.118-119).

⁸⁵ Carta a Fernando, 09/06/1959 (Ibidem, p.143).

⁸⁶ Carta a Fernando, 04/03/1958 (Ibidem, p.73).

E se você acha que “já está chato essa frustração literária” onde a gente não vê frustração nenhuma, por que diabo não escreve então seu romance sobre isso?⁸⁷

Otto não fez da frustração tema de sua ficção, mas teve nela rico material para o surgimento da obra involuntária – “escrita por si só” (BEM apud MORAES, 2001, p.17) – que suas cartas vieram a constituir. Consciente desse processo, ele jogava com o potencial que o assunto/condição “fracasso literário” oferecia para a teatralização que dava consistência à sua epistolografia: “O pior é que eu não componho polcas, como aquele personagem do Machado de Assis. Ou pode ser que minhas cartas sejam modestas e desentoadas polcas, não acha?”⁸⁸

No conto “Um homem célebre”, Pestana é o autor de polcas “da moda”, assobiadas pelas esquinas e ecoadas em bailes cariocas dos 1870s. No entanto, o compositor rejeita as criações que lhe vêm com facilidade e vive a ansiedade de um dia realizar algo à altura das obras clássicas cujos autores ele observa, nos retratos que ocupam as paredes de casa, à procura de inspiração para um dia fazer “uma só que fosse daquelas páginas imortais”. Ele não a fará, pois terá desistido após descobrir que a composição de um noturno promissor era na realidade a reprodução de uma peça de Chopin que achara “em algum daqueles becos escuros da memória, velha cidade de traições”. Morrerá autor de polcas.

Saborosas como as polcas de Pestana, as cartas de Otto, entretanto, guardam algo de perene e transcendem tanto o universo cifrado e particular de um diálogo entre amigos quanto a natureza conjuntural típica de composições datadas ou passageiras como os títulos que o editor sugere ao personagem de Machado – “A Lei de 28 setembro”, “Candongas não fazem festa”, “Bravos à eleição direta!”. E o escritor sabia que as cartas sobreviveriam ao tempo e às circunstâncias:

Eu, que fui outrora um futuroso prosador, estou hoje reduzido à condição de epistológrafo – de maneira que você me defenda e vá escrevendo o prefácio para minha correspondência, túmulo, cova rasa do meu extinto brilhante espírito.⁸⁹

⁸⁷ Carta a Otto, 26/02/1958 (SABINO, op.cit., p.199).

⁸⁸ Carta a Fernando, 10/02/1958 (Ibidem, p.61).

⁸⁹ Carta a Fernando, 17/06/1959 (Ibidem, p.167).

CONCLUSÃO

Fernando recebia com entusiasmo as notícias de Bruxelas. As que chegam com data de 9 de junho de 1959 são motivo de aclamação e vaticínio: “Você é o maior epistológrafo do Brasil, Portugal e Algarves. Continua caprichando, que estas da Europa ainda darão futuramente um bom volume”⁹⁰. Em Roma, cumprindo um circuito que o levava a rever o amigo durante alguns dias em Paris, toma conhecimento dos planos de retorno da família Lara Resende ao Brasil. Em determinado ponto dos longos parágrafos escritos sob um ritmo que harmoniza assuntos diversos – desde o projeto abortado de uma viagem à Escandinávia, ao relato de seus hábitos de glutão, passando pela frustração habitual, – lê sobre a aflição do amigo diante, mais uma vez, da expectativa de voltar ao emprego público e aos jornais:

O pior é que acredito piamente que não vou arranjar emprego nenhum e, bem analisado, é possível que H [Helena, esposa] tenha razão: eu não quero um emprego (falo de emprego público, honesta *sinecura* com estabilidade). Mas realmente, não vou arranjar nada, você vai ver. Ou então o IP [Israel Pinheiro, sogro] vem numa daquelas, como na época em que, eu já sendo controlador “L” na Prefeitura, ele me mandou procurar o Maciel Cabeleira, eu fui, era pra um emprego formidável, realmente tinha tido uma oportunidade (já fora preenchida a vaga), mas era de bailarino letra “I” no Teatro Municipal – eu não bailo nem nada, minha letra é “O”. Você viu aquele fuinha lá na Unesco como é que procedeu comigo!, falou em emprego, logo uma força se atravessa na frente, alguém mais forte do que meus pistolões não quer que eu arranje emprego, senão já tinha arranjado. Vou voltar é pro Roberto Marinho, vou fazer tópico no *Correio*, o [Luiz Alberto] Bahia é bom sujeito, não é possível que não me arranja um lugarzinho à noite [...]”⁹¹

Antes de concluir – para depois retornar em um longo *postscriptum* – pede que Fernando escreva dizendo se deve ou não ir embora. Voltará ao Rio, à *sinecura* e ao jornalismo. Advogado na Procuradoria do Distrito Federal, passara a colaborar para diferentes veículos até assumir, em meados da década seguinte, funções importantes no *Jornal do Brasil* e na Globo.

Otto e Fernando, à semelhança do Pestana de Machado, viveram sob a condição de “eterna peteca entre a ambição e a vocação”. Construíram suas subjetividades com base nesse pêndulo, o eixo para afirmação, à maneira de cada um, como homens de letras. Comparada com a experiência de Otto, pode-se dizer que a de

⁹⁰ Carta a Otto, 15/06/1959 (SABINO, op.cit., p.220).

⁹¹ Carta a Fernando, 09/06/1959 (RESENDE, op.cit., pp. 144-145, grifos do autor).

Fernando foi um caso mais bem resolvido. Uma entrevista⁹² realizada com os quatro amigos em 1979 expõe de maneira resumida o contraste entre as duas vivências. Instado a respeito do confronto entre sonhos e realidade, Fernando declara:

Acho que meus sonhos se realizaram, porque tudo tem sua época, tudo muda, como diz o Otto. Acho bom meu passado, e acho bom meu presente. Sou um homem de sorte, tudo o que acontece comigo é bom. E as mudanças que aconteceram são naturais – é o progresso... Há uma grande defasagem entre o que você pretende ser e o que é, mas na realidade eu fui mais bem sucedido do que esperava, do que merecia. (SABINO, 2002, p. 313)

Demandado, Otto compara o jovem de 20 anos ao senhor que se aproximava dos 60:

Sou um sujeito profundamente deprimido e, parodiando o Fernando Sabino, “não sou meu tipo”. Inclusive o Otto dos 20 anos é uma figura que eu adoro. E quero fazer uma declaração: perdi totalmente a fé na literatura, no que diz respeito a mim. Não acredito mais que seja importante para mim exprimir-me literariamente. Sei que aí não está a minha salvação. Sei que sou um homem perdido, um *uomo finito*, como naquele livro do Papini⁹³. (ibidem, p. 314)

Ainda que depoimentos a respeito do próprio passado enredem tramas enganosas tanto para o sujeito que os emite quanto para o pesquisador que os lê com seriedade, é interessante relacioná-los neste ponto do trabalho uma vez que, de certa forma, condizem com a argumentação levantada até aqui. De Fernando depreende-se uma percepção realista, porém chapada, de sua experiência. Está claro, e a análise da correspondência demonstra, que suas expectativas e ambições não foram equacionadas sem uma dose de sofrimento e renúncia. No entanto, tal processo parece ocupar um local determinado, à maneira de uma etapa vencida. Otto, por sua vez, comunica os reflexos de um movimento inacabado cujos efeitos repercutem em uma atitude em geral pessimista para com o mundo.

Por mais que a vocação literária tenha sido fonte de angústia e de desilusão – retratadas de modo lancinante embora não se possa comprovar o lugar específico e a

⁹² “Os quatro mineiros do apocalipse”, entrevista publicada na revista *Ele e Ela* em janeiro de 1979, reproduzida em SABINO, 2002.

⁹³ Na crônica “O duplo e sua pepita de ouro” (*O Globo*, 19/09/1982), Otto fala da influência do romance *Un uomo finito*, de Giovanni Papini, em sua juventude: “Papini era muito sensível à consciência das gerações, o que se explica com o fato de sua geração, do princípio deste século XX, ter se visto sobrecarregada de missões renovadoras e revolucionárias. Cada geração inaugura um tempo novo, diz ele. Talvez por isso, concluídas as escaramuças de juventude, já em 1912 se sentia um homem acabado, título que correu mundo – *Un uomo finito* [...] Pois foi esse livro candente e espalhafatoso que me caiu nas mãos aos dezesseis anos. Sempre se guarda uma certa ternura por livros e autores que nos atingiram nos perturbados começos de nossa vida, esta sim, bastante enigmática aos olhos infanto-juvenis.

intensidade real desse sofrimento –, ela ofereceu um sentido à vida do homem de letras que aos 28 anos descrevia com lucidez as dimensões do dilema:

É tempo de deixar de ser um *jovem escritor*, para ser um *escritor*. A paixão (ou vocação literária) em mim continua intacta; eis um ponto contra o qual o tempo nada tem podido. Olho para trás e não vejo rastros de uma obra. Encontro apenas um homem, dilacerado pelas mesmas contradições: não consegui me assassinar. É prova bastante da permanência do escritor em mim (a literatura como exigência de um ser que pretende, *hélas*, uma certa singularidade, extraindo de suas fraquezas a sua força). [...] Pode ser que eu nada consiga literariamente, e morrerei sufocado. Pois minha mais alta ambição é então não morrer dessa asfixia⁹⁴.

(SANTOS, org., op.cit., pp. 132-133)

* * *

Em *Minha formação*, Joaquim Nabuco fala do “traço todo da vida”, “o desenho da criança esquecido pelo homem, mas ao qual ele terá sempre que se cingir sem o saber...”. Não é ocioso dizer que, na literatura, Otto e homens de letras de sua natureza encontraram o traço todo da vida⁹⁵.

⁹⁴ Resposta à pergunta “Qual a sua maior ambição literária” de Paulo Mendes Campos em entrevista com data de 14/05/1950, aparentemente, não publicada.

⁹⁵ A ideia para essa construção foi retirada do título das memórias do embaixador Mario Gibson Barboza: *Na diplomacia, o traço todo vida* (Editora Francisco Alves, 2002)

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de, “Um grão de sal: autenticidade, felicidade e relações de amizade na correspondência de Mário de Andrade com Carlos Drummond”, *História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 16, pp. 174-185, dez. 2014.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

ASSIS, Machado de. *Várias histórias*. Rio de Janeiro: W.M.Jackson, 1952.

ANDRADE, Mário e ANDRADE, Carlos Drummond. *A lição do amigo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BARBOZA, Mario Gibson. *Na diplomacia, o traço todo da vida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992 (1979).

BIELSCHOWSKY, Ricardo. “Eugênio Gudín”. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 15, n. 41, pp. 91-110, abr. 2001.

BLOCH, Arnaldo. *Fernando Sabino: reencontro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2000.

BOMENY, Helena. *Guardiães da razão: modernistas mineiros*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / Tempo Brasileiro, 1994.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

CASTELLO BRANCO, Carlos. *Retratos e fatos da história recente: perfis*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Revan, 1996.

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ELIAS, Norbert. *Mozart: a sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

- FERNANDES, Millôr. *Millôr 100 + 100: desenhos e frases*. Seleção de Cássio Loredano e Sérgio Augusto. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2014.
- FIGUEIREDO, Wilson e ANDRADE, Moacyr. *E a vida continua: a trajetória profissional de Wilson Figueiredo*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- FRIEIRO, Eduardo. *A ilusão literária*. 3ª ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; Brasília: INL, Fundação Pró-Memória, 1983.
- FROTA, Lélia Coelho da (org.). *Arquivinho de Otto Lara Resende*. Textos de Benício Medeiros, Humberto Werneck e Otto Lara Resende. Coleção Arquivinhos Nº 3. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2006.
- FOUCAULT, Michel. “A escrita de si”. In: *O que é um autor?*. Lisboa: Passagens, 1992 (1983).
- JARDIM, Eduardo. *Mário de Andrade – Eu sou trezentos: vida e obra*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro / Fundação Biblioteca Nacional, 2015.
- LIMA, Alceu Amoroso. *Voz de Minas*. Rio de Janeiro: Vozes / Educam, 2000. (1944)
- MARQUES, Ivan. *Cenas de um modernismo de província: Drummond e outros rapazes de Belo Horizonte*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- MEDEIROS, Benício, *Otto Lara Resende: a poeira da glória*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1998.
- MORAES, Marco Antonio de (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp / Instituto de Estudos Brasileiros, 2001.
- _____. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo / Fapesp, 2007.
- NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998.
- PINTO, Heráclito Sobral. “A liberdade e o conselho de defesa dos direitos da pessoa humana”. In: Conferência Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil, 1980, Manaus. Belo Horizonte: Faculdade de Direito da UFMG, 1980.

PIRES, Paulo Roberto. *Hélio Pellegrino: a paixão indignada*. Rio de Janeiro: Relume Dumará / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1998.

RESENDE, Otto Lara. *Bom dia para nascer: crônicas publicadas na Folha de S.Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *O príncipe e o sabiá e outros perfis* (org. Ana Miranda). São Paulo: Companhia das Letras / Instituto Moreira Salles, 1994.

_____. *O Rio é tão longe: cartas a Fernando Sabino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Boca do inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

RICCIARDI, Giovanni. *Biografia e criação literária. Volume 1: entrevistas com acadêmicos*. Niterói: Nitpress; Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008.

SABINO, Fernando. *Cartas na mesa*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____ e ANDRADE, Mário de. *Cartas a um jovem escritor e suas respostas*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. *O encontro marcado*. 36ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS, Tatiana Longo dos (org.). *Três Ottos por Otto Lara Resende*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.

TAYLOR, Charles. *A ética da autenticidade*. São Paulo: É Realizações, 2011.

TEIXEIRA, Carlos Sávio. “Modos de explicar o Brasil: o estruturalismo sociológico de Florestan Fernandes e o construtivismo institucional de Mangabeira Unger”. *Sinais Sociais*. Rio de Janeiro, v. 10 n. 28, pp. 55-79, mai.-ago. 2015.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Mineiridade – Ensaio de caracterização*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1968.

WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.